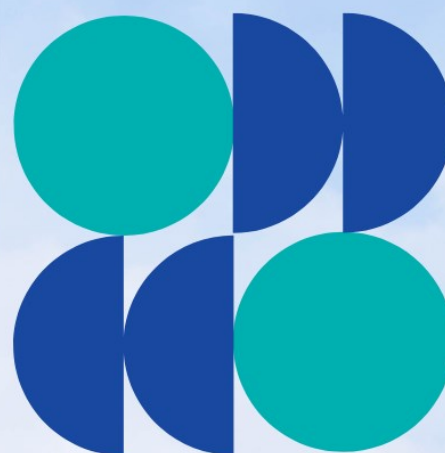




INTERNATIONAL
INTEGRALIZE
SCIENTIFIC

ed.21

MARÇO/2023



INTERNATIONAL
INTEGRALIZE SCIENTIFIC
ISSN/2675-520

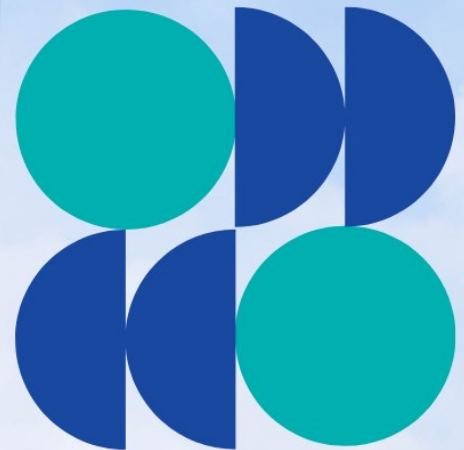
INTEGRALIZE.ONLINE



INTERNATIONAL
INTEGRALIZE
SCIENTIFIC

ed.21

MARÇO/2023



INTERNATIONAL
INTEGRALIZE SCIENTIFIC
ISSN/2675-520

INTEGRALIZE.ONLINE



**INTERNATIONAL
INTEGRALIZE
SCIENTIFIC**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Biblioteca da EDITORA INTEGRALIZE, (SC) Brasil

International Integralize Scientific. 21ª ed. Março/2023. Florianópolis - SC

Periodicidade Mensal

Texto predominantemente em português, parcialmente em inglês e espanhol

ISSN/2675-5203

1 - Ciências da Administração

2 - Ciências Biológicas

3 - Ciências da Saúde

7 - Linguística, Letras e Arte

8 – Ciências Jurídicas

4 - Ciências Exatas e da Terra

5 - Ciências Humanas/ Educação

6 - Ciências Sociais Aplicadas

9 – Tecnologia

10 – Ciências da Religião /Teologia



**INTERNATIONAL
INTEGRALIZE
SCIENTIFIC**

**Dados Internacionais de
Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da Editora Integralize - SC – Brasil**

Revista Científica da EDITORA INTEGRALIZE- 21ª ed. Março/2023
Florianópolis-SC

PERIODICIDADE MENSAL

Texto predominantemente em Português,
parcialmente em inglês e espanhol.
ISSN/2675-5203

1. Ciências da Administração
2. Ciências Biológicas
3. Ciências da Saúde
4. Ciências Exatas e da Terra
5. Ciências Humanas / Educação
6. Ciências Sociais Aplicadas
7. Ciências Jurídicas
8. Linguística, Letras e Arte
9. Tecnologia
10. Ciências da Religião / Teologia



INTERNATIONAL INTEGRALIZE SCIENTIFIC

EXPEDIENTE

INTERNATIONAL INTEGRALIZE SCIENTIFIC

ISSN/2675-5203

É uma publicação mensal, editada pela
EDITORA NTEGRALIZE | Florianópolis - SC

Florianópolis-SC

Rodovia SC 401, Bairro Saco Grande, CEP 88032-005.

Contato: (48) 99175-3510

<https://www.integralize.online>

Diretor Geral

Luan Trindade

Diretor Financeiro

Bruno Garcia Gonçalves

Diretora Administrativa

Vanessa Sales

Diagramação

Balbino Júnior

Conselho Editorial

Marcos Ferreira

Editora-Chefe

Dra. Vanessa Sales

Editor

Dr. Diogo de Souza dos Santos

Bibliotecária

Rosangela da Silva Santos Soares

Revisores

Dr. Antônio Jorge Tavares Lopes

Dra. Arethuzza Karla A. Cavalcanti

Dr. Tiago Moy

Dra. Gleice Franco Martins

Permitida a reprodução de pequenas partes dos artigos, desde que citada a fonte.



**INTERNATIONAL
INTEGRALIZE
SCIENTIFIC**

**INTERNATIONAL INTEGRALIZE SCIENTIFIC
ISSN / 2675-5203**

É uma publicação mensal editada pela
EDITORA INTEGRALIZE.
Florianópolis – SC
Rodovia SC 401, 4150, bairro Saco Grande, CEP 88032-005
Contato (48) 4042 1042
<https://www.integralize.online/acervodigital>

EDITORA-CHEFE

Dra. Vanessa Sales

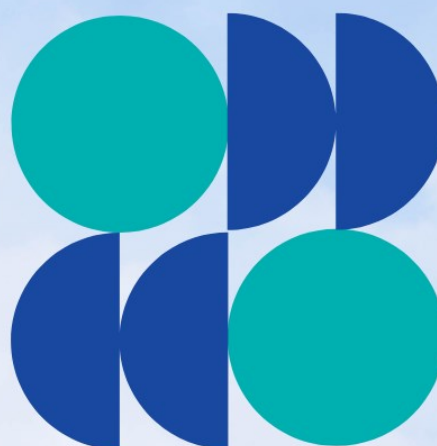
Os conceitos emitidos nos artigos são de
responsabilidade exclusiva de seus Autores.



INTERNATIONAL
INTEGRALIZE
SCIENTIFIC

ed.21

MARÇO/2023



TECNOLOGIA

TECHNOLOGY

MARÇO – TECNOLOGIA**INCLUSÃO DIGITAL NA EDUCAÇÃO COMO DIREITO HUMANO: ASPECTOS EDUCACIONAIS PRÁTICOS.....08**Autor: **Luciano Carneiro Leão**

DIGITAL INCLUSION IN EDUCATION AS A HUMAN RIGHT: PRACTICAL EDUCATIONAL ASPECTS

LA INCLUSIÓN DIGITAL EN LA EDUCACIÓN COMO DERECHO HUMANO: ASPECTOS PRÁCTICOS EDUCATIVOS

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E INCLUSÃO DIGITAL: ASPECTOS HISTÓRICOS E UMA BREVE REVISÃO DE LITERATURA.....16Autor: **Luciano Carneiro Leão**

YOUTH AND ADULT EDUCATION AND DIGITAL INCLUSION: HISTORICAL ASPECTS AND A BRIEF LITERATURE REVIEW

EDUCACIÓN DE JÓVENES Y ADULTOS E INCLUSIÓN DIGITAL: ASPECTOS HISTÓRICOS Y BREVE REVISIÓN DE LA LITERATURA

ENSINO REMOTO COMO FERRAMENTA MEDIADORA DA APRENDIZAGEM EM TEMPOS DE PANDEMIA.....22Autor: **Alexandre Santos**

REMOTE EDUCATION AS A LEARNING MEDIATOR TOOL IN PANDEMIC TIMES

LA EDUCACIÓN REMOTA COMO HERRAMIENTA MEDIADORA DEL APRENDIZAJE EN TIEMPOS DE PANDEMIA

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE PANDEMIA E ENSINO HÍBRIDO.....33Autor: **Alexandre Santos**

SOME REFLECTIONS ON THE PANDEMIC AND BLENDED LEARNING

ALGUNAS REFLEXIONES SOBRE LA PANDEMIA Y EL APRENDIZAJE MIXTO

A EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA E SUA RELEVÂNCIA PARA O BRASIL.....42Autor: **Marta Regina Claudino da Silva**

DISTANCE EDUCATION AND ITS RELEVANCE FOR BRAZIL

LA EDUCACIÓN A DISTANCIA Y SU RELEVANCIA PARA BRASIL

INCLUSÃO DIGITAL NA EDUCAÇÃO COMO DIREITO HUMANO: ASPECTOS EDUCACIONAIS PRÁTICOS

DIGITAL INCLUSION IN EDUCATION AS A HUMAN RIGHT: PRACTICAL EDUCATIONAL ASPECTS

LA INCLUSIÓN DIGITAL EN LA EDUCACIÓN COMO DERECHO HUMANO: ASPECTOS PRÁCTICOS EDUCATIVOS

Luciano Carneiro Leão

LEÃO, Luciano Carneiro. **Inclusão digital na educação como direito humano: Aspectos educacionais práticos.** Revista International Integralize Scientific, Ed. n.21, p. 08 – 15, março/2023. ISSN/2675 – 5203.

RESUMO

O conceito de uma forma de inclusão mais atualizada é a aplicação e ampliação da inclusão digital, a inclusão digital é uma possibilidade desenvolvida no mundo globalizado para que haja a produção e a difusão do conhecimento. Alguns movimentos são desenvolvidos para que haja um acesso mais amplo, visando o acesso a tecnologia e seus dispositivos por parte das comunidades mais carentes, dessa forma nasce a ideia de uma inclusão digital no contexto escolar. Este estudo então se desenvolve com base nos dados elencados em sites de pesquisa, objetivando assim a compilação de dados sobre os acessos a internet no Brasil, os impactos de uma ainda vasta exclusão digital que está em sua maioria associada a classe e localidade e por fim, promover discussões que possam incitar a curiosidade e a busca por mais movimentos que promovam a inclusão digital de fato e de modo eficiente, dentro do contexto nacional. Para responder a tais objetivos a presente pesquisa se elaborou por meio de um estudo etnográfico simples, em momentos de discussão com professores e estudantes de diferentes localidades e realidades sociais, com base em uma pesquisa de campo, que dialoga com uma breve revisão bibliográfica.

Palavras-Chave: Inclusão Digital; Educação; Inclusão Social.

ABSTRACT

The concept of a more updated form of inclusion is the application and expansion of digital inclusion, digital inclusion is a possibility developed in the globalized world for the production and dissemination of knowledge. Some movements are developed so that there is broader access, aiming at access to technology and its devices by the most needy communities, in this way the idea of digital inclusion in the school context is born. This study is then developed based on the data listed on research sites, thus aiming to compile data on internet access in Brazil, the impacts of a still vast digital exclusion that is mostly associated with class and location and finally , promote discussions that can incite curiosity and the search for more movements that promote digital inclusion effectively and efficiently, within the national context. To respond to these objectives, the present research was elaborated through a simple ethnographic study, in moments of discussion with teachers and students from different locations and social realities, based on a field research, which will dialogue with a brief bibliographic review.

Keywords: Digital Inclusion; Education; Social inclusion.

RESUMEN

El concepto de una forma más actualizada de inclusión es la aplicación y ampliación de la inclusión digital, la inclusión digital es una posibilidad desarrollada en el mundo globalizado para la producción y difusión de conocimiento. Se desarrollan algunos movimientos para que haya un acceso más amplio, apuntando al acceso a la tecnología y sus dispositivos por parte de las comunidades más necesitadas, de esta manera nace la idea de inclusión digital en el contexto escolar. Este estudio se desarrolla luego a partir de datos enumerados en sitios de investigación, con el objetivo de recopilar datos sobre el acceso a Internet en Brasil, los impactos de una brecha digital aún amplia que se asocia principalmente con la clase y la ubicación y, finalmente, promover debates que puedan incitar a la curiosidad y la búsqueda de más movimientos que promuevan efectiva y eficientemente la inclusión digital dentro del contexto nacional. Para responder a estos objetivos, la presente investigación se elaboró a través de un estudio etnográfico sencillo, en momentos de discusión con profesores y estudiantes de diferentes localidades y realidades sociales, a partir de una investigación de campo, que dialoga con una breve revisión bibliográfica.

Palabras clave: Inclusión Digital; Educación; Inclusión social.

INTRODUÇÃO

O conceito de uma forma de inclusão mais atualizada é a aplicação e ampliação da inclusão digital, a inclusão digital é uma possibilidade desenvolvida no mundo globalizado para que haja a produção e a difusão do conhecimento, e o acesso às diversas ferramentas digitais que se encontram disponíveis para todos os cidadãos, democratizando assim a tecnologia e da mesma forma o acesso a mesma (OLIVEIRA; PESCE, 2020).

Alguns movimentos são desenvolvidos para que haja um acesso mais amplo, visando o acesso a tecnologia e seus dispositivos por parte das comunidades mais carentes, dessa forma nasce a ideia de uma inclusão digital no contexto escolar, o que permite ampliar as formas pelas quais o ensino é desenvolvido, o tornando mais lúdico e mais dinâmico e deste modo tirando a centralização do professor, permitindo ao estudante uma participação mais ativa (OLIVEIRA; PESCE, 2020).

Ainda que no Brasil se tenha uma dificuldade na implementação da mesma, muito disso foi percebido em um contexto de pandemia, se tem então que há ainda diferenças que precisam ser reparadas, políticas públicas que precisam ser implementadas e uma melhoria na distribuição de redes pelo país, principalmente em alguns lugares que se apresentam com uma conexão não estável ou mesmo ausente (OLIVEIRA; SILVA; PEREIRA, 2021).

Ao pensar então nas dificuldades, se analisa o que o Governo brasileiro passa a desenvolver para que se torne de fato um Direito Humano como elencado pela Organização das Nações Unidas - ONU (ONU, 2021) que passa a ser vigorado de forma mais correta por meio da aprovação de uma Proposta de Emenda Constitucional – PEC, inscrita pelo número de publicação 47 de 2021 que altera um inciso do artigo 5º da Constituição Federal, introduzindo assim a inclusão digital no rol dos direitos fundamentais (BRASIL, 2021).

Deste modo se observa que a historicidade da inclusão digital no Brasil é um pouco mais antiga, iniciando na segunda metade dos anos 90, a sociedade brasileira passa então a ter mais acesso a comunicação, principalmente com o advento e melhoria de acessibilidade dos telefones celulares, assim então, em 2005 o governo lança sua primeira campanha com o objetivo de promover o acesso a todos os brasileiros por meio do projeto denominado “Computador para Todos”, assim mais brasileiros poderiam ter acesso a internet (CAZELOTO, 2019).

Estudos que corroboram com este, como o de Lavinias; Veiga (2013) promovem a discussão sobre os termos que precisam ainda ser discutidos para que haja uma ampliação ainda maior de acesso a internet, mesmo que se observe que em média ainda hoje praticamente 34 milhões de brasileiros não acessam a internet, ou dos que acessam, mais da metade tem acesso apenas pelo telefone e 33% não possuem o acesso diário garantido, deste modo, pensar a inclusão digital é fundamental para a educação, de modo a permitir o mesmo acesso a todos os brasileiros.

Este estudo então se desenvolve com base nos dados elencados em sites de pesquisa, objetivando assim a compilação de dados sobre os acessos a internet no

Brasil, os impactos de uma ainda vasta exclusão digital que está em sua maioria associada a classe e localidade e por fim, promover discussões que possam incitar a curiosidade e a busca por mais movimentos que promovam a inclusão digital de fato e de modo eficiente, dentro do contexto nacional.

Para responder a tais objetivos a presente pesquisa se elaborou por meio de um estudo etnográfico simples, em momentos de discussão com professores e estudantes de diferentes localidades e realidades sociais, com base em uma pesquisa de campo, que dialoga com uma breve revisão bibliográfica.

PONTOS DE PROBLEMATIZAÇÃO

Um estudo então desenvolvido por Diniz (2018) elenca que dados mais recentes demonstram o Brasil apenas engatinhando no contexto de ampliação da acessibilidade digital, pois apenas 102,2 milhões de brasileiros – o que compreende apenas 41,73% da população de 2018 quando a pesquisa foi realizada tinha acesso à internet e não houve muita ampliação, já que a situação passa a ser agravada por outros contextos nacionais e internacionais como foi o caso da pandemia de COVID-19, que evidenciou a exclusão digital entre os brasileiros.

Os estudos mais evidentes sobre essa exclusão digital são antigos quando se analisa pelo ponto de vista da sociedade como um todo, como evidenciado na pesquisa de Célio; Palmeira; Silva (2012) porém fica mais evidenciado após a pandemia ao dar visibilidade a grupos focalizados como o estudo desenvolvido por Macedo (2021) que questiona se a inclusão digital é de fato uma realidade ou apenas um privilégio para algumas pessoas em nossa sociedade.

MARCO HISTÓRICO

Por mais recente que seja a internet, o acesso a computadores doméstico e celulares inteligentes, a tecnologia e a educação no Brasil estão em parceria desde 1904, por meio de programas educacionais básicos e gratuitos, como por exemplo, um dos modelos mais conhecidos e popularizados, era o Telecurso 2000, passado na emissora Rede Cultura e ali se tinha uma imensa variedade de cursos que eram ofertados de maneira remota e gratuitamente (PISCHETOLA, 2019).

Assim o primeiro registro de fato de um curso a distância, algo que hoje é tão popularizado e facilitado é de um anúncio nos classificados do Jornal do Brasil de 1904 que ofertava cursos de datilografia por correspondência, foi a partir de então que se tem uma facilitação do acesso à tecnologia por parte de alguns membros da sociedade (PISCHETOLA, 2019).

Os cursos a distância possuem um foco muito maior no aperfeiçoamento profissional e até mesmo para a complementação universitária, porém a formalização facilitada tornou possível expandir os campos da educação a distância, até mesmo algumas instituições públicas hoje ofertam técnico, graduação e diversas modalidades de pós-graduação, sempre atentando para que o curso seja preferencialmente não

prático, pois as práticas precisam ser presenciais, mas ainda assim a tecnologia tem permitido um maior alcance na parte prática (PISCHETOLA, 2019).

REFERENCIAL TEÓRICO

A maior parte dos trabalhos que possuem diálogo com a inclusão digital está centralizada em comunidades afastadas dos grandes centros urbanos, como o caso do trabalho de Selleri et. al. (2013) que dialoga com relação às comunidades indígenas do Brasil, essa forma de promoção de garantia de direitos tem por necessidade básica a inclusão de todas as comunidades, até as mais distantes.

Além disso ainda se tem as pesquisas que centralizam outras comunidades afastadas, como é o caso do quilombo, o trabalho descrito por Oliveira; Berretta; Santos (2020), além de mais recente ainda permite a comunicação dentro das escolas indígenas e quilombolas, discutindo e analisando os impactos na vida estudantil dos estudantes destas localidades, que por muitas vezes se mostra insuficiente.

A ideia de usos de tecnologias dentro da educação apenas cresce, ao passo de analisar que a tecnologia estão mais popularizadas, como o caso de televisões com aparelhos de rotação de mídia (videocassete ou aparelhos de DVD), e até mesmo os projetores de películas no passado, sendo substituído por computadores, Datashow, telefones celulares e tablets, porém Oliveira; Berretta; Santos (2020) apresenta como a preparação dos professores precisa acontecer em conjunto, pois muitos ainda não sabem ou mesmo possuem dificuldades em se utilizar destes equipamentos.

Sobre isso, podemos atribuir como causas a nítida escassez de recurso público tanto para a formação continuada de professores voltada para (re)pensar os usos das tecnologias nos processos educacionais quanto para a implementação das tecnologias digitais na rede pública de ensino do país (OLIVEIRA; BERRETTA; SANTOS, 2020, p. 120).

Silva (2018) aborda como os usos dos computadores e outros equipamentos são fundamentais para o desenvolvimento de comunicação em rede, hoje se tem uma amplitude muito visível do uso das tecnologias, para isso se faz sempre necessário que programas governamentais sejam aplicados de modo a incentivar o uso dos equipamentos, deixando principalmente que estes fiquem disponíveis para os estudantes.

Quando se aproxima então as formas de usos pedagógicos dos equipamentos eletrônicos os estudantes passam a ter mais liberdade, buscando meios ainda que permitam a pesquisa e elaboração de suas atividades de modo a desenvolver sua capacidade de escolha, para além disso, o uso incentivado e realizado dentro dos muros da escola permitirá aos estudantes uma aproximação das formas de como as pesquisas são realizadas no meio acadêmico, qual site usar ou evitar (POLATE, 2018).

Por uma análise mais ampliada, ainda se percebe que o ciclo de inclusão digital precisa ser amplamente discutido em sala de aula, pois mesmo em uma escola que se forneça todas as ferramentas, alguns estudantes podem apresentar dificuldades,

seja no acesso a tecnologia quando fora da escola, seja de forma a não saber operar estes equipamentos e ainda aqueles que focam apenas no meio virtual e esquecem do meio “real” (MEDEIROS, 2021).

O entendimento da inclusão digital permite que os estudantes fiquem com todas as informações nas mãos, e optem por qual será dada maior importância, durante a pandemia, muitos cuidados para com a saúde foram elaboradas pelas escolas, pois os estudantes romperam parte fundamental do seu convívio com o outro e com as atividades que possibilitam uma melhora na qualidade de vida, assim Silva et. al. (2020) discute sobre os estudantes que aderiram a atividade física de forma remota, apresentando que não há barreiras para o desenvolvimento e uso das tecnologias da informação.

E por fim ainda se dialoga sobre as formas então que essa tecnologia pode ser usada como uma ferramenta excludente, ao passo de pensar em tudo que já foi aqui descrito e por fim reafirmar por meio de Marcon (2020) que analisa o quadro de uma falsa ideia de inclusão digital durante a pandemia, pois o início se apresentou de forma muito conturbada, já que as mudanças foram muito abruptas e não houve um preparo por nenhuma das partes.

Marcon (2020) aponta que a imposição de um distanciamento e trabalho remoto por parte da educação mas gerou uma exclusão do que uma inclusão, ressalta a importância do isolamento social, porém a educação ficou apática, ficou fragilizada e as diferenças sociais e culturais apenas ficaram mais notórias, e essas diferenças e segregações foram visíveis em outros meios da sociedade, não sendo exclusivo a educação, porém a importância dada à educação foi muito notória, ao passo que muitos estudantes não puderam acompanhar de fato as mudanças que estavam ocorrendo.

METODOLOGIA

A pesquisa elaborada neste artigo se utilizou de duas metodologias, a primeira o uso de um questionário, com base no que foi desenvolvido por Coelho; Souza; Albuquerque (2020) que trabalha a aplicação de questionários com foco na pesquisa de informática, por se tratar ainda de um tempo pandêmico, a escola está em parte de forma remota e as redes sociais são facilitadoras de aplicação de pesquisas em diversos campos.

O questionário era simples e visava abordar o uso das tecnologias na educação, tanto para professores, estudantes e demais participantes da comunidade escolar. Ao observar que muitos dos questionários elaborados e publicados possuem uma informação associada, se fez uso da pesquisa bibliográfica, no intuito de dialogar com o que seria levantado durante as pesquisas práticas.

Usou-se então como definição e forma de construção da pesquisa bibliográfica em que:

A pesquisa baseia-se no estudo da teoria já publicada, assim é fundamental que o pesquisador se aproprie do domínio da leitura do conhecimento e sistematize todo o material que está sendo analisado. Na realização da pesquisa bibliográfica o

pesquisador tem que ler, refletir e escrever sobre o que estudou, se dedicar ao estudo para reconstruir a teoria e aprimorar os fundamentos teóricos. É essencial que o pesquisador organize as obras selecionadas que colaborem na construção da pesquisa em forma de fichas. A pesquisa bibliográfica é o levantamento ou revisão de obras publicadas sobre a teoria que irá direcionar o trabalho científico o que necessita uma dedicação, estudo e análise pelo pesquisador que irá executar o trabalho científico e tem como objetivo reunir e analisar textos publicados, para apoiar o trabalho científico.

Para que fosse realizada a pesquisa de modo mais correto, se estabeleceu que o tempo de publicação deveria estar dentro do prazo de dez anos (2012 – 2022) e que a língua publicada precisaria ser restrita ao português, após definido estes como caráter de exclusão, o que se inclui era toda a forma de publicação, seja artigo, monografia, tese, dissertação e principalmente livros.

Os sites de buscas foram definidos por facilidade de utilização, como o Google Acadêmico, Scielo Brasil e o Portal de Periódicos CAPES, por meio dos descritores “inclusão digital”; “inclusão digital na escola”; “inclusão digital como direito” e “tecnologias e educação”.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Houve um retorno total de 315 indivíduos, onde 213 eram estudantes, 22 eram profissionais atuantes da equipe pedagógica e 80 eram professores, a amostra foi bem ampliada, perpassando então por extratos de dados rurais, urbanos, comunidades indígenas e quilombolas e escolas de periferia. A maior parte da amostra foi composta pelo gênero feminino (53%) e a faixa etária era de 16 a 20 anos entre os estudantes, e os demais estavam na faixa de 28 a 36 anos.

A maior parte dos questionários demonstrou que os respondentes entendem que a tecnologia é parte integrante da educação e ainda revelam a importância de se trabalhar com o digital dentro da sala de aula, porém mesmo entre os estudantes mais novos, há relatos de dificuldades de acesso a internet em casa, instabilidade de internet nas escolas e ainda a falta de prática com computadores, já que muito se pode fazer por celulares.

Os celulares foram os que mais se mostraram presentes no cotidiano, 86% da amostra inclusive respondeu a pesquisa por meio de um aparelho de celular dentro da escola.

Por fim o que se observou no questionário que mesmo curto, foi capaz de passar, as escolas públicas afastadas dos grandes centros urbanos são imensamente afetadas por esse processo de afastamento, pois a rede de internet e mesmo de dados móveis é mais fraca, já que a distância entre as propriedades e casas da torre acaba sendo maior e isso acaba por dificultar, além de terem problemas mais urgentes, como falta de água e luz em alguns momentos, o que causa ainda mais instabilidade de sinal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As promoções de uma forma de inclusão digital como sendo um direito humano por meio de regulamentações de instituições intergovernamentais, como a ONU e a aprovação de projetos de lei e realização de políticas públicas é notória em nosso país, muito ainda precisa ocorrer para que se tenha o alcance completo, porém é um processo que leva tempo e demanda um investimento muito grande por parte de toda a população.

Quando se trata de investimento populacional não se fala em aumentar a contribuição fiscal, mas sim o de desempenho, o desejo pelo conhecimento, o investimento financeiro e o incentivo a busca deve ser primeiro dado pelo governo, que tem como obrigação constituinte a oferta de uma educação justa e igualitária.

Os objetivos traçados foram alcançados e se pode perceber que há uma diferenciação muito grande ainda entre os locais e a classe social em relação ao avanço da tecnologia, porém se observa que estudos como este podem possibilitar o andamento e a ampliação de mais formas de trabalho de pesquisa e programas de incentivo ao acesso tecnológico.

REFERÊNCIAS

- BRASIL, Senado Federal - Proposta de Emenda à Constituição nº 47, de 2021. Disponível em: <<https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?dm=9055515&ts=1655317105335disposition=inline>>. Acesso em: 18 ago. 2022.
- CAZELOTO, Edilson. Inclusão digital: uma visão crítica. 2019.
- CÉLIO, Emiliano Rostand de Moraes; PALMEIRA, Angelina; SILVA, Ricardo Moreira. Inclusão digital: um desafio para a sociedade. *Inclusão Social*, v. 5, n. 2, 2012.
- COELHO, Jorge APM; SOUZA, Gustavo HS; ALBUQUERQUE, Josmário. Desenvolvimento de questionários e aplicação na pesquisa em Informática na Educação. *Metodologia de Pesquisa em Informática na Educação: Abordagem Quantitativa de Pesquisa*. Porto Alegre: SBC. Metodologia de Pesquisa em Informática na Educação, v. 2, 2020.
- DINIZ, Janguê. A inclusão digital no Brasil ainda é um desafio, UNAMA, 2018. Disponível em: <<https://www.unama.br/noticias/inclusao-digital-no-brasil-ainda-e-um-desafio>>. Acesso em: 18 ago. 2022.
- LAVINAS, Lena; VEIGA, Alinne. Desafios do modelo brasileiro de inclusão digital pela escola. *Cadernos de pesquisa*, v. 43, p. 542-569, 2013.
- MACEDO, Renata Mourão. Direito ou privilégio? Desigualdades digitais, pandemia e os desafios de uma escola pública. *Estudos Históricos (Rio de Janeiro)*, v. 34, p. 262-280, 2021.
- MARCON, Karina. INCLUSÃO E EXCLUSÃO DIGITAL EM CONTEXTOS DE PANDEMIA: QUE EDUCAÇÃO ESTAMOS PRATICANDO E PARA QUEM?. *Revista Criar Educação*, v. 9, n. 2, p. 80-103, 2020.
- MEDEIROS, Isabella Coelho. O ciclo da inclusão digital: social-digital-social Digital inclusion cycle: social-digital-social. *Brazilian Journal of Development*, v. 7, n. 8, p. 75705-75714, 2021.
- OLIVEIRA, Fernando Dias de; PESCE, Lucila. A formação docente, as tecnologias digitais da informação e comunicação e a inclusão digital nas escolas públicas: entre avanços e contradições. *Inclusão digital e empoderamento freireano: à formação de professores da educação básica em uma perspectiva dialógica e autoral*. Uberlândia: Navegando Publicações, p. 107-119, 2020.
- OLIVEIRA, Herbert Fernando Martins; SILVA, Rodrigo Florencio; PEREIRA, Vilmar Alves. Modos de aprender em tempos de pandemia: Deficiências e importância da inclusão digital para alunos da rede pública. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 7, p. e53410716610-e53410716610, 2021.
- OLIVEIRA, Jerliany; BERRETTA, Luciana; SANTOS, Raimunda. Um estudo dos impactos da Inclusão Digital no cotidiano acadêmico de alunos indígenas e quilombolas. In: *Anais da VIII Escola Regional de Informática de Goiás*. SBC, 2020. p. 211-222.
- ONU. Especialistas da ONU apontam direitos digitais como chave para recuperação inclusiva no pós-pandemia | As Nações Unidas no Brasil, 2021. Disponível em: <<https://brasil.un.org/pt-br/130568-especialistas-da-onu-apontam-direitos-digitais-como-chave-para-recuperacao-inclusiva-no-pos>>. Acesso em: 18 ago. 2022.

- PISCHETOLA, Magda. Inclusão digital e educação: a nova cultura da sala de aula. Editora Vozes Limitadas, 2019.
- POLATE, Viviane Aparecida Tomaz. Inclusão digital nas escolas: caminhos possíveis para se (re) pensar o digital em rede na prática pedagógica. Revista Docência e Cibercultura, v. 2, n. 2, p. 118-135, 2018.
- SELLERI, Fernando et al. Inclusão digital em escolas e comunidades indígenas. In: Anais do Workshop de Informática na Escola. 2013. p. 437-441.
- SILVA, Antonio Jansen Fernandes et al. A adesão dos alunos às atividades remotas durante a pandemia: realidades da educação física escolar. Corpoconsciência, p. 57-70, 2020.
- SILVA, Maria Aparecida Ramos da. Inclusão digital nas escolas públicas: o uso pedagógico dos computadores e o PROINFO Natal/RN. 2018.
- SOUSA, Angélica Silva; OLIVEIRA, Guilherme Saramago; ALVES, Laís Hilário. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. Cadernos da FUCAMP, v. 20, n. 43, 2021.1

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E INCLUSÃO DIGITAL: ASPECTOS HISTÓRICOS E UMA BREVE REVISÃO DE LITERATURA
YOUTH AND ADULT EDUCATION AND DIGITAL INCLUSION: HISTORICAL ASPECTS AND A BRIEF LITERATURE REVIEW
EDUCACIÓN DE JÓVENES Y ADULTOS E INCLUSIÓN DIGITAL: ASPECTOS HISTÓRICOS Y BREVE REVISIÓN DE LA LITERATURA

Luciano Carneiro Leão

LEÃO, Luciano Carneiro. **Inclusão de jovens e adultos e inclusão digital: Aspectos Históricos e uma breve revisão de literatura.** Revista International Integralize Scientific, Ed. n.21, p. 16 – 21, março/2023. ISSN/2675 – 5203.

RESUMO

Educar em todas as idades, considera que todos os conteúdos e formas de ensinar podem e devem ser passadas, sem considerar a idade do estudante em questão, dessa forma a inclusão digital tem por necessidade fazer parte da educação dos jovens e adultos, pois muitos pensam o trabalho como uma forma diferente e assim a educação tem papel fundamental no ensino e na aproximação de novas formas de trabalhar e assim garantir os demais direitos. O presente artigo tem por objetivo principal a descrição histórica da EJA e sua correlação com a inclusão digital, levantando os tempos que ambas foram criadas e onde se cruzaram e por fim o diálogo com ambas para que se entenda a sua importância e seja criado um entendimento da importância de ambas. Para que fosse alcançado os objetivos traçados neste artigo se utilizou de uma metodologia baseada na pesquisa bibliográfica

Palavras-Chave: Inclusão Digital; Educação; EJA.

ABSTRACT

Educating at all ages, considers that all content and ways of teaching can and should be passed on, without considering the age of the student in question, in this way digital inclusion has the need to be part of the education of young people and adults, as many think work as a different form and thus education has a fundamental role in teaching and bringing together new ways of working and thus guaranteeing other rights. The main objective of this article is the historical description of the EJA and its correlation with digital inclusion, raising the times that both were created and where they crossed and finally the dialogue with both so that its importance is understood and an understanding is created. of the importance of both. In order to achieve the objectives outlined in this article, a methodology based on bibliographic research was used.

Keywords: Digital Inclusion; Education; EJA.

RESUMEN

Educar en todas las edades, considera que todos los contenidos y formas de enseñar pueden y deben transmitirse, sin considerar la edad del estudiante en cuestión, por lo que la inclusión digital tiene que ser parte de la educación de jóvenes y adultos, como muchos piensan que funciona. como una forma diferente y por ello la educación juega un papel fundamental para enseñar y acercar nuevas formas de trabajar y así garantizar otros derechos. El objetivo principal de este artículo es la descripción histórica de EJA y su correlación con la inclusión digital, planteando los tiempos en que ambas se crearon y dónde se cruzaron y, finalmente, el diálogo con ambas para que se comprenda su importancia y se cree un entendimiento. de la importancia de ambos. Para lograr los objetivos planteados en este artículo se utilizó una metodología basada en la investigación bibliográfica.

Palabras clave: Inclusión Digital; Educación; EJA.

INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino destinada às pessoas que não concluíram os seus estudos em idade regular, independente dos motivos que venham a acontecer na vida destes indivíduos para a interrupção ou

mesmo a não iniciação dos estudos, tudo isso permite que a educação seja promovida em todos os aspectos e idades e assim assegurar um direito determinado por lei (SANTOS; SILVA, 2020).

A observação de educar em todas as idades, leva em conta que todos os conteúdos e formas de ensinar podem e devem ser passadas, sem levar em consideração a idade do estudante em questão, dessa forma a inclusão digital tem por necessidade fazer parte da educação dos jovens e adultos, pois muitos não tiveram muitos contatos com a tecnologia, ainda mais quando apresentam uma idade mais avançada (LOURENÇO et. al., 2012).

Deste modo se observa que os estudos que dialoguem sobre a inclusão digital e a EJA são fundamentais ao entender que muito ainda precisa ser direcionado a população mais velha, ainda que se observa muitas pessoas novas e relativamente novas dentro das salas de EJA, o foco inicial está nas pessoas com mais idade, e muitas dessas ainda não sabem utilizar os equipamentos que permitem o acesso à internet (SILVA; JUNIOR, 2020).

Elaborar estudos que dialoguem de forma direta com a EJA e a inclusão digital se faz importante ao passo que a evolução tecnológica se faz constantemente presente e se torna uma realidade dentro do mercado de trabalho, se faz importante essa discussão então ao passo que se entende que a EJA é uma ampliação de currículo e adaptação ao mercado de trabalho que após a pandemia passa a ser mais popularizado (ARAÚJO; LUA, 2021).

Dessa forma se percebe que este trabalho está costurado por uma rede de trabalhos que discutem a importância da inclusão digital como descrito por Araújo; Lua (2021) e Silva; Silva (2020), que pensam o trabalho como uma forma diferente e assim a educação tem papel fundamental no ensino e na aproximação de novas formas de trabalhar e assim garantir os demais direitos.

Deste modo, o presente artigo tem por objetivo principal a descrição histórica da EJA e sua correlação com a inclusão digital, levantando os tempos que ambas foram criadas e onde se cruzaram e por fim o dialogar com ambas para que se entenda a sua importância e seja criado um entendimento da importância de ambas. Para que fosse alcançado os objetivos traçados neste artigo se utilizou de uma metodologia baseada na pesquisa bibliográfica, traçando um tempo de 10 anos de intervalo entre as publicações (2012 a 2022) e se utilizando de descritores que fosse se aproximando das necessidades específicas do presente artigo.

MARCO HISTÓRICO

A Educação de Jovens e Adultos, ou mais conhecida como EJA ou mesmo o supletivo é uma oportunidade de inserção e inclusão social seguindo os parâmetros legais instituídos pela Constituição Federal (BRASIL, 1988), ficando mais concretizada pela elaboração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN (BRASIL, 1996) e ainda assegurado pelo documento do Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos de 2003 – PNEDH/03 (BRASIL, 2007).

De acordo com os dados exibidos no portal do Ministério da Educação MEC a EJA é hoje implementada no Brasil por meio dos estados e municípios e segue a orientação do Ministério da Educação, que definem a suas diretrizes, da mesma forma que é feito com as demais modalidades de ensino básico dentro do contexto Nacional.

Por mais recente que seja a internet, o acesso a computadores doméstico e celulares inteligentes, a tecnologia e a educação no Brasil estão em parceria desde 1904, por meio de programas educacionais básicos e gratuitos, como por exemplo, um dos modelos mais conhecidos e popularizados, era o Telecurso 2000, passado na emissora Rede Cultura e ali se tinha uma imensa variedade de cursos que eram ofertados de maneira remota e gratuitamente (PISCHETOLA, 2019).

Assim o primeiro registro de fato de um curso a distância, algo que hoje é tão popularizado e facilitado é de um anúncio nos classificados do Jornal do Brasil de 1904 que ofertava cursos de datilografia por correspondência, foi a partir de então que se tem uma facilitação do acesso à tecnologia por parte de alguns membros da sociedade (PISCHETOLA, 2019).

Os cursos à distância possuem um foco muito maior no aperfeiçoamento profissional e até mesmo para a complementação universitária, porém a formalização facilitada tornou possível expandir os campos da educação a distância, até mesmo algumas instituições pública hoje ofertam técnico, graduação e diversas modalidades de pós-graduação, sempre atentando para que o curso seja preferencialmente não prático, pois as práticas precisam ser presenciais, mas ainda assim a tecnologia tem permitido um maior alcance na parte prática (PISCHETOLA, 2019).

REFERENCIAL TEÓRICO

Alguns estudos trabalham de forma a construir pontes entre o ensino superior e a educação básica, trabalhos como o de Pinheiro (2018) que trouxe para dentro do contexto educacional básico atividades que permitem lidar com a realidade de profissionais da área de tecnologia despertam o interesse e possibilitam que os estudantes se sintam mais próximos, ao entender ou ao menos ver na prática como funciona, dessa forma este autor explica sua forma de gerar essa aproximação que foi realizada em escolas públicas:

[...] nesta vitrine, foi montado o que se denominou “As veias abertas de um computador”, onde foram colocados periféricos conectados a uma placa-mãe, mostrando como é um computador por dentro. Após, foram contatadas escolas públicas, dentre as quais, uma aceitou que fossem realizadas palestras e demonstrações aos alunos de uma turma do 5º ano. Foram realizadas visitas, nas quais os alunos tiveram contato com as peças principais de um computador, como placa-mãe, CPU (processador), memória RAM, entre outros, que foram conectados, dando a ideia do que seria “as veias abertas do computador”. Puderam ver a linha do tempo de dispositivos de memória auxiliar e do mouse, sendo que foi criado um artefato, acoplado a um celular, para demonstrar o funcionamento do mouse. Além disso, tiveram acesso a uma máquina de datilografia, conseguindo datilografar algumas palavras, tendo, assim, uma ideia de como era “digitar e imprimir”,

“antigamente”. A interação dos alunos se deu através do contato com as peças, uma vez que puderam manusear todas as que foram levadas. Também foi apresentado sobre a história do computador (PINHEIRO, 2018).

Para além deste trabalho se faz importante o entendimento de alguns termos que são utilizados quando se trata de tecnologias, os termos “TIC”, “TI” e “TDIC” são os mais comuns e possuem o mesmo significado em sua essência que é a Tecnologia da Informação, assim Silva et. al. (2019) demonstra como o ensino superior pode se aproximar mais e mais da EJA.

Todas as discussões que relacionam o ensino superior a EJA está relacionada às universidades serem um centro de geração de pesquisa e dados, dessa forma que a maior parte dos programas tecnológicos e sociais são gerados, é o que se propõe Silva et. al. (2019) que gerou cadastros e materiais para ensinar a formatação de texto e outras atividades essenciais na educação.

Dentro de um contexto discutido por Teer; Reis; Gonzaga (2021) a EJA passou um desafio imenso durante a pandemia, pois toda a estruturação da escola passa a ser desconstruída neste momento, a escola que tinha um horário fixo para acontecer, que tinha um professor para acompanhar o andamento da turma fica a distância e será essa distância a complicada, pois muitos dos estudantes não possuem o conhecimento e prática com um computador ou celular, além de que a maior parte dos estudantes de EJA são trabalhadores, então ficar de frente a uma tela pode ser um dificultador.

A carga horária de estudo passa a ser mais desafiadora pela perspectiva de muitos estudantes e professores pelo que Teer; Reis; Gonzaga (2021) ressalta, afinal a forma como se trabalha passa a ser mais desgastante, cansativa e em alguns casos até solitária, não tendo nem mesmo os outros estudantes do lado.

Os resultados de Fonseca; Anacleto; Silva (2022) apenas afirmam as dificuldades, ao demonstrar que das 20 estudantes matriculadas no ano de 2020 apenas foi possível contactar e entrevistar 4, apenas 3 possuíam telefone fixo como forma de contato e dentre as 17 que possuem telefone celular, apenas essas 4 que aceitaram, ao passo que as demais não sabiam mexer muito bem nos seus aparelhos. Dentro destas 4 estudantes, nenhuma possuía computador ou mesmo o celular com internet dentro de casa, estas permaneceram em casa durante a pandemia e esse quadro se refere a 11% da população brasileira segundo os dados de Fonseca; Anacleto; Silva (2022).

METODOLOGIA

Usou-se então como definição e forma de construção da pesquisa bibliográfica em que:

A pesquisa baseia-se no estudo da teoria já publicada, assim é fundamental que o pesquisador se aproprie do domínio da leitura do conhecimento e sistematize todo o material que está sendo analisado. Na realização da pesquisa bibliográfica o pesquisador tem que ler, refletir e escrever sobre o que estudou, se dedicar ao estudo para reconstruir a teoria e aprimorar os fundamentos teóricos. É essencial que o

pesquisador organize as obras selecionadas que colaborem na construção da pesquisa em forma de fichas. A pesquisa bibliográfica é o levantamento ou revisão de obras publicadas sobre a teoria que irá direcionar o trabalho científico o que necessita uma dedicação, estudo e análise pelo pesquisador que irá executar o trabalho científico e tem como objetivo reunir e analisar textos publicados, para apoiar o trabalho científico (OLIVEIRA; SOUSA; ALVES, 2021).

Para que fosse realizada a pesquisa de modo mais correto, se estabeleceu que o tempo de publicação deveria estar dentro do prazo de dez anos (2012 – 2022) e que a língua publicada precisaria ser restrita ao português, após definido estes como caráter de exclusão, o que se incluía era toda a forma de publicação, seja artigo, monografia, tese, dissertação e principalmente livros.

Os sites de buscas foram definidos por facilidade de utilização, como o Google Acadêmico, Scielo Brasil e o Portal de Periódicos CAPES, por meio dos descritores “inclusão digital na eja”; “eja”; “inclusão digital e eja” e “tecnologias na educação”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados mostram que há uma extrema necessidade de reformulação das políticas públicas voltadas à Educação de Jovens e Adultos em relação ao acesso à tecnologia, principalmente para aqueles que não possuem alguma facilidade de acesso à internet em suas residências.

A ampliação das redes de comunicação está sendo feitas, os planos de internet e rede móvel estão da mesma forma sendo ampliadas, porém em alguns lugares ainda não há a devida cobertura ou mesmo ainda são muito caros para algumas pessoas, tanto que ao que se pode observar é que há o movimento de estar na escola até mesmo pela merenda, algo que tem anos de história e ao que se observa não haverá uma alteração muito proximal.

Deste modo esta pesquisa se cumpriu em relação aos objetivos pré estabelecidos na introdução e assim se pode observar que há um longo caminho a ser percorrido para que a inclusão digital seja de fato uma realidade para todos os estudantes, deste modo ainda se pode utilizar a presente pesquisa para geração de mais dados e mais pesquisas que focalizem por exemplo na pesquisa ativa, por meio de questionários e entrevistas que possam ampliar a discussão com dados mais próximos.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Tânia Maria de; LUIZ, Iracema. O trabalho mudou-se para casa: trabalho remoto no contexto da pandemia de COVID-19. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, v. 46, 2021.
- BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- BRASIL. LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996 - Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996.
- BRASIL. Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos / Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos. – Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Ministério da Educação, Ministério da Justiça, UNESCO, 2007.
- FONSECA, Maria Veronica Rodrigues; ANACLETO, Jessica Brandão; SILVA, Thayane Santos. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS, DIREITOS HUMANOS E INCLUSÃO DIGITAL. *REVISTA CARIOCA DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO*, v. 7, n. 1, p. 110-127, 2022.
- LOURENÇO, Érika Simone et al. Inclusão Digital na Educação de Jovens e Adultos (EJA). *Revista Científica Eletrônica de Pedagogia*, Garça, n. 19, 2012.
- PINHEIRO, Irwing do Amaral Almeida. Inclusão digital e EJA: uma relação a construir. 2018.
- PISCHETOLA, Magda. Inclusão digital e educação: a nova cultura da sala de aula. Editora Vozes Limitadas, 2019.
- SANTOS, Pollyana dos; SILVA, Gabriela da. Os sujeitos da EJA nas pesquisas em Educação de Jovens e Adultos. *Educação & Realidade*, v. 45, 2020.
- SILVA, José Vitor de Abreu et al. A promoção de inclusão digital de estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) através da Extensão Universitária. In: *Anais do XXV Workshop de Informática na Escola*. SBC, 2019. p. 227-235.
- SILVA, Renata Borges Leal; JUNIOR, Dilton Ribeiro Couto. Inclusão digital na Educação de Jovens e Adultos (EJA): pensando na formação de pessoas da terceira idade. *Revista Docência e Ciberultura*, v. 4, n. 1, p. 24-40, 2020.
- SILVA, Tatiana Dias; SILVA, Sandro Pereira. Trabalho, população negra e pandemia: notas sobre os primeiros resultados da PNAD COVID-19. 2020.
- SOUSA, Angélica Silva; OLIVEIRA, Guilherme Saramago; ALVES, Laís Hilário. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. *Cadernos da FUCAMP*, v. 20, n. 43, 2021.1
- TEER, Jacqueline Vaccaro; REIS, Jonas Tarcísio; GONZAGA, Jorge Luiz Ayres. A EJA na pandemia: iniciativas de educação remota na escola pública e o fracasso da política neoliberal. *EJA em Debate*, v. 10, n. 18, p. 85-100, 2021.

ENSINO REMOTO COMO FERRAMENTA MEDIADORA DA APRENDIZAGEM EM TEMPOS DE PANDEMIA

REMOTE EDUCATION AS A LEARNING MEDIATOR TOOL IN PANDEMIC TIMES LA EDUCACIÓN REMOTA COMO HERRAMIENTA MEDIADORA DEL APRENDIZAJE EN TIEMPOS DE PANDEMIA

Alexandre Santos

SANTOS, Alexandre. **Ensino remoto como ferramenta mediadora da aprendizagem em tempos de pandemia.** Revista International Integralize Scientific, Ed. n.21, p. 22 – 32, março/2023. ISSN/2675 – 5203.

RESUMO

O artigo aborda as tecnologias digitais como recurso para mediação do processo de aprendizagem em tempos de pandemia. O objetivo é apresentar o Google Classroom (ferramenta assíncrona) e o aplicativo ZOOM (ferramenta síncrona) e suas potencialidades pedagógicas para o ensino remoto. A metodologia do estudo, de caráter descritivo e exploratório, aborda um estudo bibliográfico e documental em que se discute as contribuições das tecnologias digitais para o processo de aprendizagem no momento em que se enfrenta a pandemia do novo coronavírus (COVID - 19). Constata que, em um momento de adaptação do processo de aprendizagem, o Google Classroom e o aplicativo ZOOM se apresentam como recursos eficazes para medição remota, mas que sua integração estratégica no processo formativo demanda formação tecnológica dos professores.

Palavras-chave: Tecnologias digitais; Aprendizagem; Covid-19.

ABSTRACT

The article addresses digital technologies as a resource for mediating the learning process in times of a pandemic. The objective is to present Google Classroom (asynchronous tool) and the ZOOM application (synchronous tool) and their pedagogical potential for remote teaching. The methodology of the study, of a descriptive and exploratory nature, addresses a bibliographic and documentary study in which the contributions of digital technologies to the learning process are discussed at a time when the new coronavirus pandemic (COVID - 19) is being faced. It notes that, at a time of adapting the learning process, Google Classroom and the ZOOM application are presented as effective resources for remote measurement, but that their strategic integration in the training process demands technological training from teachers.

Keywords: Digital technologies; Learning; Covid-19

RESUMEN

El artículo aborda las tecnologías digitales como recurso para mediar el proceso de aprendizaje en tiempos de pandemia. El objetivo es presentar Google Classroom (herramienta asíncrona) y la aplicación ZOOM (herramienta síncrona) y su potencial pedagógico para la enseñanza remota. La metodología del estudio, de carácter descriptivo y exploratorio, aborda un estudio bibliográfico y documental en el que se discuten los aportes de las tecnologías digitales al proceso de aprendizaje en momentos en que se enfrenta la pandemia del nuevo coronavirus (COVID - 19). Señala que, en un momento de adaptación del proceso de aprendizaje, Google Classroom y la aplicación ZOOM se presentan como recursos efectivos para la medición remota, pero que su integración estratégica en el proceso de formación exige formación tecnológica por parte de los docentes.

Palabras clave: Tecnologías digitales; Aprendiendo; COVID-19

INTRODUÇÃO

Diante da pandemia do novo coronavírus (COVID - 19), o Ministério da Educação (MEC) atendeu à solicitação feita pela Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES), bem como as orientações do Conselho Nacional de Educação (CNE), e publicou a portaria nº 343, de 17 de março de 2020,

que regulamenta as Instituições de Ensino a substituírem aulas presenciais pelo ensino a distância (EaD) pelo prazo de 30 dias ou, em caráter excepcional, podendo ser prorrogada enquanto durar a pandemia (BRASIL, 2020).

As Instituições de Ensino e professores acataram as recomendações do MEC, fecharam suas dependências temporariamente e passaram a vislumbrar um leque de novas oportunidades de utilização estratégias das atuais Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), a fim de promover um processo formativo eficiente, capaz de levar conhecimento e oportunidade de aprendizagem para bilhões de alunos por meio dos recursos midiáticos oferecidos pela internet.

Diante desse contexto, este artigo aborda as tecnologias digitais como recurso para mediação do processo de aprendizagem em tempos de pandemia. O objetivo é apresentar o Google Classroom (ferramenta assíncrona) e o aplicativo ZOOM (ferramenta síncrona) e suas potencialidades pedagógicas para o ensino remoto. A metodologia do estudo, de caráter descritivo e exploratório, aborda um estudo bibliográfico e documental em que se discute as contribuições das tecnologias digitais para o processo de aprendizagem no momento em que se enfrenta a pandemia do novo coronavírus (COVID - 19).

NOVO CORONAVÍRUS (COVID -19)

Segundo o Ministério da Saúde (2020), o novo coronavírus é um vírus que causa infecções respiratórias, provoca a doença chamada COVID - 19. O novo agente do coronavírus foi descoberto em 31 de dezembro de 2019 após casos registrados na cidade de Wuhan, na China.

A principal forma de contágio do COVID - 19 é o contato com uma pessoa infectada, que transmite o vírus por meio de tosse e espirros. Também se propaga quando a pessoa entra em contato com um objeto contaminado e depois toca nos olhos, nariz ou boca. Para a Organização Mundial da Saúde (2020), pode-se estar com o COVID - 19 por até 14 dias antes de apresentar os sintomas, que são febre, cansaço e tosse seca. A maioria das pessoas (cerca de 80%) se recupera da doença sem a necessidade de tratamentos especiais.

De acordo com o Ministério da Saúde (2020), em casos mais raros, ela pode atingir um quadro clínico mais grave e até fatal. Idosos e pessoas com outras condições médicas (como asma, diabetes e doença cardíaca) são vulneráveis a desenvolver problemas mais sérios. A Organização Mundial da Saúde (2020) declarou em 30 de janeiro de 2020 que a pandemia do COVID - 19 se constitui em uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII), o mais alto nível de alerta emergencial da Organização, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional.

Diante disso, buscou-se a cooperação e a solidariedade global para interromper a propagação do vírus a partir do isolamento social. De acordo com o Ministério da Saúde (2020), o isolamento é definido como a ação que objetiva a separação de pessoas sintomáticas ou assintomáticas, em investigação clínica e

laboratorial, de maneira a evitar a propagação do vírus e transmissão local. Com o avanço do número de casos de pessoas infectadas pelo COVID - 19, escolas públicas e privadas, da educação básica à superior, dos 26 estados brasileiros e do Distrito Federal, cumpriram as determinações do governo federal para a suspensão das aulas, conforme a Portaria nº 343/2020.

PORTARIA Nº 343/2020

A portaria nº 343 publicada no Diário Oficial da União, em 17 de março de 2020, dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do COVID - 19 (BRASIL, 2020). A medida é válida por 30 dias ou enquanto durar a situação da pandemia. Por meio da portaria, o MEC resolve:

Art. 1º Autorizar, em caráter excepcional, a substituição das disciplinas presenciais, em andamento, por aulas que utilizem meios e tecnologias de informação e comunicação, nos limites estabelecidos pela legislação em vigor, por instituição de educação superior integrante do sistema federal de ensino, de que trata o art. 2º do Decreto nº 9.235, de 15 de dezembro de 2017 (BRASIL, 2020, p.01).

A Portaria informa ainda que as Instituições de Ensino, integrantes do sistema federal de ensino, devem comunicar ao MEC, por meio de Ofício, a opção que será adotada como medida de prevenção ao COVID-19. Substituição das disciplinas presenciais, em andamento, por aulas que utilizem meios e tecnologias de informação e comunicação, nos limites estabelecidos pela legislação em vigor, de que trata o art. 2º do Decreto nº 9.235, de 15 de dezembro de 2017; Suspensão das atividades acadêmicas presenciais, desde que cumpram os dias letivos e horas/aula estabelecidos na legislação em vigor; Alteração do calendário de férias, desde que cumpram os dias letivos e horas-aula estabelecidos na legislação em vigor (BRASIL, 2020, p.01).

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) realizou a primeira contagem global da situação educacional impactada pelo COVID - 19. Foram registrados quase 300 milhões de alunos, em 22 países, de três continentes, afetados pelo fechamento de escolas devido à expansão do vírus (UNESCO, 2020) Diante do ocorrido, as instituições de ensino estão buscando alternativas para a mediar o processo formativo de forma remota para dar continuidade às aulas. As tecnologias digitais se apresentam como recursos favoráveis para a mediação, sobretudo no que tange às diferentes possibilidades de transformar tais ferramentas em salas de aulas virtuais, que possibilitam a interação de alunos e professores.

TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO

Em uma sociedade em que mais de 5 bilhões de pessoas usam aparelho celular (GSM, 2019), o acesso às informações se torna cada vez mais rápido. O surgimento de tecnologias emergentes, assim como a possibilidade de armazenamento em nuvem¹, evoluem a cada instante, modificando a todo momento o conceito de novo e de inovação.

A sociedade passa por um amplo processo de transformação, sobretudo na evolução digital. Hoje em dia, por exemplo, muitas tarefas - que aconteciam de forma presencial - não se realizam mais sem a presença dos dispositivos digitais, de modo online. Vive-se, então, em um contexto social em que a conectividade e a colaboração fazem parte da vida de milhões de pessoas desde cedo.

Conforme Conforto e Vieira (2015):

A abundância de recursos e de conteúdos físicos e digitais, aliada ampliação dos serviços de conexão móvel com a Internet, de armazenamento em nuvem e a evolução da telefonia celular, promoveram o surgimento de uma nova modalidade de educação, a Aprendizagem Móvel. Isso representa que, a tecnologia - antes vista como algo que tirava o sujeito do convívio social - tornou-se cada vez mais utilizada e pensada para benefício coletivo. (conforto e vieira, 2015, P.45)

Para Conforto e Vieira (2015), o celular não pode ser considerado apenas como fonte de entretenimento, mas como uma ferramenta que, quando planejada pedagogicamente, também pode auxiliar no processo educacional. Diante dessa evolução, a educação e suas relações de ensino-aprendizado vêm, a passos lentos, acompanhando as transformações sociais advindas dos impactos das tecnologias digitais. Alunos hiperconectados em sala de aula têm acesso agora a diferentes fontes de informação, sendo atualizados a cada momento sobre os acontecimentos que ocorrem no mundo. Neste sentido, é essencial repensar sobre a utilização das TIC em sala de aula como instrumento para mediação da aprendizagem.

Com as suspensões das aulas, muito se fala do uso das tecnologias digitais para mediar o processo de aprendizagem remota³ como alternativa para não suspender as aulas. Tendo que recorrer ao EaD, algumas instituições estão se adaptando para utilizar as plataformas digitais para fins de mediação da aprendizagem. No entanto, nem todos os estudantes do país têm acesso a esses recursos. Segundo o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), 154 milhões de estudantes estão sem aulas na América Latina e Caribe.

A entidade alerta que a situação poderá se estender, considerando ainda que, diante do cenário de pandemia, há risco de abandono escolar definitivo (UNICEF, 2020). A fim de sugerir ferramentas para a mediação remota em tempos de COVID - 19, apresenta-se, nas próximas seções, o Google Classroom e o app ZOOM, recursos educacionais online e gratuitos, que podem promover um processo formativo diferenciado.

GOOGLE CLASSROOM

O Google Classroom, exibido na Figura 1, plataforma muito utilizada para o ensino a distância e/ou mediação com metodologias ativas, por meio do ensino híbrido, sofreu um grande aumento em seu download e utilização após ser divulgado o decreto do MEC anunciando a paralisação das aulas presenciais.

A plataforma mais escolhida para medição remota, pois não necessita de instalação local e um servidor exclusivo. A ferramenta é *online*, abriga alunos e professores, facilitando a entrada (*login*) e a integração de diferentes recursos disponibilizados pelo próprio *Google* como: *Gmail*, *Google Drive*, *Hangouts*, *Google Docs* e *Google Forms* (GOOGLE CLASSROOM, 2020).

Além do uso em computadores, a plataforma dispõe da possibilidade de ser utilizada em *smartphones* e *tablets*, por meio de um aplicativo próprio, disponível na *Google Play* e *Apple Store*. Seu diferencial é o sistema de *feedback* que é oferecido para que o professor dê todo suporte aos alunos nas atividades, desde o início até o final do processo formativo.

O sistema de atividade ou postagem na plataforma gera automaticamente uma notificação direta no *e-mail* do aluno, deixando-o sempre atualizado sobre os conteúdos inseridos no ambiente virtual, fator que possibilita maior a interação e engajamento entre a turma (GOOGLE CLASSROOM, 2020).

Ao fazer *login*, o professor tem opções de ferramentas para postagem no ambiente virtual:

a) Mural: neste campo, professores e alunos têm acesso às atualizações da plataforma, datas das postagens e últimas informações, assim como avisos e comentários.

b) Atividades: nessa área, o professor realiza as postagens. As atividades podem ser disponibilizadas de diferentes formas, a exemplo das opções dispostas na Tabela 1:

Tabela 1 - Tipos de atividades realizadas no *Google Classroom*

ATIVIDADE	DESCRIÇÃO
Tarefas com enunciados curtos e respostas curtas.	Nesse tipo de atividade, a ferramenta sugere que se dê preferência pela realização de perguntas objetivas.
Atividade com teste	As tarefas deste recurso são feitas com o auxílio do <i>bank quiz</i> (<i>google</i> formulários). Ao selecionar essa opção de atividade, a plataforma abre automaticamente uma criação do <i>forms</i> , assim o professor pode produzir questionários e, a partir da aplicação deles,

	identificar os erros, acertos, além do <i>feedback</i> da pontuação dos alunos na tarefa.
Pergunta	Neste item, o professor pode realizar o fórum. Atividade em que um questionamento é lançado para os alunos possam discutir e apresentar suas opiniões sobre uma temática abordada.
Material	Permite a postagem de diferentes arquivos multimídia para que sejam compartilhados em nuvem, via <i>Google Drive</i> , por meio de <i>links</i> , ou até mesmo em redes e mídias sociais como o <i>YouTube</i> .
Reutilizar postagem	Viabiliza que postagens já utilizadas em outras turmas possam ser copiadas para outras.

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Todas as formas de criar atividades, a exemplo das supracitadas acima, podem ser postadas, salvas, programadas ou arquivadas. A programação da postagem facilita o planejamento do professor, principalmente quando dispõem de várias turmas (GOOGLE CLASSROOM, 2020).

Todas as atividades serão analisadas pelo professor e cada uma delas receberá uma pontuação específica. A Figura acima apresenta que o recurso dispõe de pontuação de 0 a 100 pontos, que podem ser modificadas de acordo com o planejamento do professor ou até mesmo decidir não pontuar determinada atividade.

A) Pessoas: nesta guia é organizada uma listagem com os nomes dos alunos e professores cadastrados na turma. Esta guia permite também o envio automático de *e-mail* convite para que novos alunos participem da turma.

B) Notas: funcionam como um diário de classe, em que são divulgadas as postagens feitas pelos professores e pelos alunos.

O *Google Classroom* vem sendo aprimorado constantemente pelos seus criadores por meio de *feedbacks* fornecidos pelos usuários da plataforma. Daudt (2015) cita algumas contribuições do *Google Classroom* que são: criação de turmas virtuais; lançamento de comunicados; criação de avaliações; receber os trabalhos dos alunos; organização de todo material de maneira facilitada e otimização da comunicação entre professor e aluno.

Compreende-se o *Google Classroom* como proposta de ferramentas assíncronas da educação remota, que são aquelas consideradas desconectadas do momento real e/ou atual: não é necessário que os alunos e professores estejam

conectados ao mesmo tempo para que as tarefas sejam concluídas (GOOGLE CLASSROOM, 2020).

Dessa forma, o aluno tem todo o conteúdo a qualquer momento na plataforma, permitindo-o a liberdade para acessar o material virtualmente no melhor horário. A mediação assíncrona é o mais conhecido e utilizado quando se trata de EaD, pois possibilita ao aluno a liberdade de acessar seu conteúdo a qualquer momento. Além de flexibilizar o acesso para o aluno, o *Google Classroom* permite ao professor agendar o horário em que a publicação será postada na plataforma, dessa forma, o professor pode se programar para ceder tempo e maior atenção nos fóruns criados para a turma virtual. De acordo com Dotta et al (2013), para ter um ensino completo, o ideal é mesclar a mediação da aprendizagem combinando ferramentas síncronas e assíncronas, a fim de que os professores possam oferecer aos seus alunos uma inovadora experiência no ensino remoto. Diante disso, abordou-se o *Google Classroom* como sugestão de ferramenta assíncrona que pode ser utilizada estrategicamente e, como proposta para mediação síncrona, apresenta-se, na seção seguinte, o aplicativo ZOOM.

ZOOM

ZOOM Cloud Meetings, exibido na Figura 2, é uma das maiores empresas de teleconferência do mundo. É um aplicativo fundamental para quem precisa realizar e/ou participar de reuniões em vídeo, podendo ser realizadas em dispositivos móveis com sistemas operacionais *Android* ou *iOS*. No ZOOM é possível convidar os participantes por *e-mail*, SMS e redes sociais. Possui também a possibilidade de compartilhamento de arquivos, textos e apresentações durante as chamadas.

O aplicativo abriga mais de 17.000 mil instituições educacionais, 96% delas se tratam das principais universidades dos Estados Unidos da América (EUA), que potencializam o processo de aprendizagem dos alunos usando a ferramenta para aulas virtuais e híbridas, tarefas administrativas e reuniões.

Na versão gratuita, a ferramenta permite realizar reuniões virtuais com até 100 participantes, com duração de 40 minutos no máximo. Na modalidade Pro, o usuário pode fazer sessões de até 24 horas e salvar até 1 GB (Gigabyte) na nuvem por uma mensalidade de US\$14,99 (cerca de R\$82,25).

O ZOOM permite acessar apresentações, vídeos, documentos e outros arquivos hospedados em nuvem para apresentar aos outros usuários durante a videoconferência (ZOOM, 2020), o que favorece a apresentação do conteúdo ministrado pelo professor. O *layout* oportuniza que todos os participantes apareçam na tela, lado a lado, como se estivessem em sala de aula. Com o agravamento da pandemia do COVID-19, o ZOOM anunciou que estava cedendo acesso com tempo ilimitado a seus serviços para que as escolas dos Estados Unidos, França, Dinamarca, Irlanda, Polônia e Coreia do Sul pudessem oferecer aulas em tempo real (não há informação se o mesmo será estendido ao Brasil).

Entre os benefícios pedagógicos do aplicativo, compreende-se que ele permite:

- a) O enriquecimento do processo de ensino e o aprendizado para além dos espaços escolares, promovendo competências, estimulando a construção do conhecimento e desenvolvendo um novo paradigma, a aprendizagem ubíqua;
- b) Potencializa a entrada de tecnologias emergentes no processo formativo do aluno que passam bastante tempo online com seus *notebooks*, *tablets* e *smartphones*, fomentando novos modelos de ensino e diferentes estilos de aprendizagem, transformando o modelo de ensino tradicional que, muitas vezes, não atende mais às demandas da geração de alunos cada vez mais conectada, que quer aprender de forma mais interativa, lúdica e colaborativa;
- c) Aumenta os resultados de aprendizagem dos alunos, pois proporciona maior participação nas aulas e retenção do conteúdo transmitido por meio das salas de aula virtuais e híbridas (ZOOM, 2020, ONLINE). Isso ocorre porque a interatividade entre alunos e professores ocorre de forma síncrona e viabiliza a troca de experiências, bem como, a maturidade do pensamento crítico, relações de flexibilidade na transmissão de opiniões e compreensão mútua, desenvolvendo a inteligência coletiva.

Assim como ocorre na sala de aula presencial, esta modalidade facilita a praticidade para tirar dúvidas. O professor pode aumentar a participação dos alunos em discussões temáticas, obtendo *feedback* sobre as principais dúvidas e permitindo que eles façam suas perguntas e sejam valorizados no processo de aprendizagem. Nas aulas remotas síncronas é necessário que a participação do aluno seja ativa da mesma maneira que estaria em uma aula presencial. Mas se o aluno for tímido? Vale ressaltar que a tecnologia sozinha não consegue chegar aos seus objetivos pedagógicos, é necessário que o professor encontre também formas de interagir com os alunos mais tímidos.

Diante dessa situação, é importante que os professores também devem compreender o papel deles diante do processo educacional, não só usando tecnologias, mas permitindo que o recurso utilizado possa incluir todos os alunos, de forma a atender às necessidades educacionais específicas de cada um. As videoconferências no ZOOM são exemplos claros de aulas remotas em ferramentas síncronas, sendo que acontecem com horário marcado via transmissão em tempo real. O aluno é convidado para participar da aula por meio de um *link*, que o direciona para o encontro virtual no exato momento em que é transmitido (ZOOM, 2020). As aulas podem ser concebidas no formato de videoconferência: quando proporciona o contato audiovisual entre seus participantes; ou audioconferência: quando possibilita a comunicação e a interação seja realizada por meio de áudios. Independente do formato escolhido, também existe a possibilidade de gravar a aula para que ela seja assistida ou ouvida outras vezes – de maneira assíncrona.

MEDIAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Regulamentada pela Portaria no 343, de 17 de março de 2020, do Ministério da Educação e por atos de alguns Conselhos Estaduais e Municipais de Educação, as aulas presenciais foram suspensas, sendo substituídas por aulas remotas. Inicia-

se esta reflexão trazendo algumas especificidades sobre o desenvolvimento da educação mediada por tecnologias em tempos de pandemia.

Em uma perspectiva de oportunizar aprendizagem de forma flexível e virtual, conforme citada por Daudt (2015), acredita-se ser possível continuar desenvolvendo do processo educacional com o apoio das tecnologias, diminuindo os impactos ou efeitos do isolamento social na formação de milhares de alunos afastados da estrutura física da sala de aula presencial. Dessa forma, a plataforma virtual *Google Classroom* e o aplicativo ZOOM, estudadas nesse artigo, surgem como proposta para hospedar aulas virtuais remotas de forma síncrona e/ou assíncrona, substituindo os encontros presenciais temporariamente e tem como objetivo tornar a aprendizagem mais significativo no período de isolamento social.

De acordo com a análise descritiva apresentada anteriormente, o *Google Classroom* permite total autonomia para o professor, possibilitando a personalização do ambiente virtual, assim também, como a configuração das postagens para que fique de acordo com seu planejamento didático, como indica os estudos de Conforto e Vieira (2015).

Percebe-se que, por se tratar de uma ferramenta acessível, gratuita e de fácil usabilidade, principalmente pelas pessoas que já convivem em diversos ambientes permeados de ferramentas digitais, o *Google Classroom* teve fácil aceitação por parte do professor: pois facilita suas atividades diárias, como a função de programar as postagens e de hospedar todas as atividades das turmas em um só lugar, dessa forma, o professor pode corrigir/analisar as atividades de forma remota, em qualquer horário e lugar, pelos diferentes dispositivos digitais.

Por se tratar de uma geração conectada, como denominada por Dotta et al (2013), os alunos também conseguem se adaptar facilmente a ferramenta, pois em um mesmo ambiente ele consegue visualizar todas as disciplinas de sua grade curricular/ano letivo de forma agrupada e ao final de cada atividade podem receber um *feedback* sobre o seu desempenhos nos estudos.

Outro fator que também leva o *Google Classroom* a estar entre os aplicativos favoritos dos alunos é que, por se tratar de uma ferramenta *Google*, ele não ocupa a memória dos dispositivos, pois mantém os materiais (artigos, livros, vídeos e demais) compartilhados pelo professor em nuvem. Por outro lado, o aplicativo ZOOM proporciona a interação assíncrona, realizada em tempo real, tornando todos mais próximos, mesmo que virtualmente.

Dessa forma, o professor pode interagir com a turma, tirando suas dúvidas e abrindo espaços para discussões. As videoconferências no aplicativo se assemelham às aulas presenciais, pois todos estão juntos para uma finalidade, conectados ao vivo, mesmo que em espaços diferentes. Segundo Daudt (2015), as videoconferências se tornaram populares entre os alunos que, a todo momento, procuram um pouco de calor humano durante a quarentena. Nunca perspectiva mais crítica acerca das tecnologias apresentadas neste estudo, entende-se que a inserção estratégica dos recursos supracitados não ocorre em um processo linear. Não basta ter essas ferramentas para fazer com que o processo formativo ocorra, é preciso que o

professor detenha os conhecimentos necessários para a prática pedagógica efetiva em um ambiente de aprendizagem equipado com tecnologia.

À vista disso, Conforto e Vieira (2015) meditam que a formação tecnológica dos professores garante ao aluno um acompanhamento virtual concordante com o do presencial. Corroborando com este mesmo pensamento, Dotta et al (2013), alerta que a tecnologia permite um grande acesso às informações, porém, por si só, não promove condições de aprendizagem para aqueles que têm acesso a elas. Nessa conjuntura, afirma que os profissionais de educação possuem um papel muito importante neste cenário, no qual para trabalharem respectivas tecnologias, há de se ter o domínio da técnica e o planejamento necessário.

Mesmo diante dos inúmeros relatos positivos acerca da utilização dessas ferramentas, há discursos que falam sobre as dificuldades de se adequar a essa nova realidade. Porém, sabe-se que toda transição requer adaptação, não somente dos alunos, mas de professores e gestores educacionais. Em seus estudos, Dotta et al (2013), relata que em todo processo de mudança, a exemplo do que está ocorrendo diante da pandemia do COVID - 19, uns se adaptam melhor que outros, mas que inseridos em um ambiente de cooperação e aprendizado coletivo, eventuais limitações podem ser superadas.

Por fim, considera-se que é preciso ter consciência das condições de acesso dos estudantes às tecnologias disponíveis e, principalmente à *internet*, para continuidade dos seus estudos de forma remota. Todo esse processo de integração das tecnologias digitais precisa garantir a participação de todos, de forma igualitária, para não gerar exclusão educacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, verifica-se que a mediação das tecnologias digitais para o ensino remoto em período de isolamento social, devido ao COVID - 19, é possível. Sobretudo no que diz respeito às características e funcionalidades do *Google Classroom* e do aplicativo ZOOM. Ambos possibilitam a interação professor/aluno de forma síncrona e/ou assíncrona, sendo capaz de tornar o processo de aprendizagem tão eficaz quanto o ensino presencial.

Não compreende os objetivos desta pesquisa fazer com que o *Google Classroom* e o aplicativo ZOOM passem a substituir as demais formas de transmitir conhecimento, como o quadro, o giz ou outras tecnologias já existentes. Todavia, tais recursos são apresentados como instrumentos que também apresentam suas contribuições em tempo de distanciamento social, tornando a aprendizagem remota mais motivacional, colaborativa, interativa e, principalmente, significativa.

O *Google Classroom* e o aplicativo ZOOM foram transformados temporariamente em salas de aulas virtuais, dado que o contexto pandêmico que se vive não pode interromper o processo formativo de bilhões de pessoas interessadas em colaborar para o avanço de uma sociedade que busca saídas para as diversas crises enfrentados por todos.

Constata-se, por fim, que se vive em um momento de cuidado, no qual as relações humanas, profissionais e educacionais foram redimensionadas em função do isolamento social ocasionado pelo coronavírus. As rotinas dos estudantes foram modificadas e para muitos o tempo agora é dividido com outras atividades. Porém, precisa-se refletir sobre a necessidade de adaptação dos alunos a esse novo momento, bem como aos impactos que tais mudanças podem causar, inclusive, nas condições emocionais de cada sujeito. Por isso, fique em casa!

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Portaria No 343, de 17 de março de 2020. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. D.O.U18/03/2020. Disponível em: <<http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>>. Acesso em: 03 jan. 2021.
- CONFORTO, Debora; VIEIRA, M. C. Smartphone na Escola: Da Discussão Disciplinar Para a Pedagógica. *Latin American Journal of Computing*, v. II, p. 43-54, 2015.
- DAUDT, Luciano. 6 Ferramentas do Google sala de aula que vão incrementar sua aula. 2020. Disponível em: <https://www.qinetwork.com.br/6-ferramentas-do-googlesalade-aula-que-vaoincrementar-sua-aula/>. Acesso em: 05 fev. 2021.
- DOTTA, Silvia Cristina. et al. Abordagem dialógica para a condução de aulas síncronas em uma webconferência. In: X Congresso Brasileiro de Ensino Superior a Distância, 2013, Belém. Anais do X Congresso Brasileiro de Ensino Superior a Distância. Belém: Unired/UFPa, 2013.
- GOOGLE CLASSROOM. Google for education. [S.l.: s.n.], 2020. Disponível em: <classroom.google.com>. Acesso em: 03 mai. 2020.
- GSMA. GSM Association. [S.l.:s.n.], 2020. Disponível em: <<https://www.gsma.com/>>. Acesso em: 03 dez. 2020.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. Painel Coronavírus (COVID - 19). 2020. Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br/>>. Acesso em: 12 dez. 2020.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Folha informativa – COVID-19 (doença causada pelo novo coronavírus). 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content & view=article & id=6101:covid19&Itemid=875>. Acesso em: 08 jan. 2021.
- ISSN 2675-1291| DOI: <http://dx.doi.org/10.46375/encantar.v2.0011> Revista Encantar -Educação, Cultura e Sociedade - Bom Jesus da Lapa, v. 2, p. 01-15, jan./dez. 2020 Santos Junior & Monteiro
- UNESCO. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. 2020. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/agencia/unesco/>>. Acesso em: 22 jan.2021.
- UNICEF. Fundo das Nações Unidas para a Infância. 2020. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/>>. Acesso em: 03 mai. 2020.
- ZOOM. Zoom Cloud Meetings - App. [S.l.: s.n.], 2020. Disponível em: <<https://zoom.us/pt-pt/meetings.html>>. Acesso em: 03 mai. 2020.

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE PANDEMIA E ENSINO HÍBRIDO
SOME REFLECTIONS ON THE PANDEMIC AND BLENDED LEARNING
ALGUNAS REFLEXIONES SOBRE LA PANDEMIA Y EL APRENDIZAJE MIXTO

Alexandre Santos

SANTOS, Alexandre. **Algumas reflexões sobre pandemia e ensino remoto**. Revista International Integralize Scientific, Ed. n.21, p. 33 – 41, março/2023. ISSN/2675 – 5203.

RESUMO

No presente artigo apresentamos algumas considerações acerca da educação híbrida em tempos de pandemia do COVID-19, também conhecido como Coronavírus. No artigo, realizamos algumas considerações sobre a reflexão do ato de educar em tempos de distanciamento em virtude do caráter emergencial, ou seja, as novas formas de ensinar na educação básica e no ensino superior, especialmente focando na adaptação e superação dos docentes e discentes que estavam acostumados à educação presencial. No artigo utilizamos como fonte parte da legislação brasileira, ABED (2011); Barcelos (2013); Bhabha (2010); Canclini (2003); Freire (1983; 2001 E 2005); Hall (2006) e Maia (1996). Durante o texto discorreremos sobre novas tecnologias, estranhamento, hibridização, isolamento social, novas formas de educar, entre outros.

Palavras-chave: Educação; Educação Híbrida; Novas Tecnologias; Pandemia.

ABSTRACT

In this article we present some considerations about hybrid education in times of the COVID-19 pandemic, also known as the Coronavirus. In the article, we make some considerations about the reflection of the act of educating in times of distancing due to the emergency character, that is, the new ways of teaching in basic education and in higher education, especially focusing on the adaptation and overcoming of teachers and students who were used to face-to-face education. In the article we use part of the Brazilian legislation as a source, ABED (2011); Barcelos (2013); Bhabha (2010); Canclini (2003); Freire (1983; 2001 and 2005); Hall (2006) and Maia (1996). During the text we talk about new technologies, estrangement, hybridization, social isolation, new ways of educating, among others.

Keywords: Education; Hybrid Education; New technologies; Pandemic.

RESUMEN

En este artículo presentamos algunas consideraciones sobre la educación híbrida en tiempos de la pandemia del COVID-19, también conocido como Coronavirus. En el artículo hacemos algunas consideraciones sobre el reflejo del acto de educar en tiempos de distanciamiento por el carácter de emergencia, es decir, las nuevas formas de enseñar en la educación básica y en la educación superior, centrándonos especialmente en la adaptación y superación de docentes y estudiantes acostumbrados a la educación presencial. En el artículo utilizamos como fuente parte de la legislación brasileña, ABED (2011); Barcelos (2013); Bhabha (2010); Canclini (2003); Freire (1983; 2001 y 2005); Salón (2006) y Maia (1996). Durante el texto hablamos de nuevas tecnologías, extrañamiento, hibridación, aislamiento social, nuevas formas de educar, entre otros.

Palabras clave: Educación; Educación Híbrida; Nuevas tecnologías; Pandemia.

INTRODUÇÃO

Nos últimos meses, o Brasil tem enfrentado uma série de dificuldades em virtude da crise sanitária causada pelo COVID-19. As formas de contaminação são variadas, tendo uma alta taxa de transmissão e um percentual assustador de letalidade.

As medidas principais para se evitar a disseminação do vírus são o uso de máscara, a higienização constante das mãos e dos materiais individuais, o distanciamento social e a quarentena.

O distanciamento social e a quarentena têm impactado diretamente na vida de todos os brasileiros, especialmente na educação, causando o afastamento presencial de docentes e discentes. Estabelecimentos de Ensino – creches, escolas, universidades – estão com suas atividades escolares presenciais suspensas, o que atinge milhões de estudantes em todo o país. Apesar do fato ser terrível e estar prejudicando o ensino e a aprendizagem, a suspensão das aulas é medida essencial para se evitar a propagação da contaminação, tendo em vista que a escola é um ambiente de natural contato.

Contudo, há a percepção coletiva das autoridades, gestores e professores de que a educação não pode parar, com o objetivo de não perdermos o ano letivo. Surge, então, a necessidade da adaptação e da superação por parte de professores e alunos.

Durante a discussão do presente artigo, apresentamos algumas considerações acerca da reflexão da educação durante a pandemia, inclusive com assertivas práticas e questionamentos para o pensar docente para o pós-pandemia.

Em meio a um turbilhão de problemas, com tantas dificuldades e afastamento para se evitar a disseminação do vírus, pensar na educação também se torna necessário, tendo em vista a busca de se manter o foco na aprendizagem do aluno e nos instrumentos de ensino construídos pelo professor. Propomos algumas páginas de reflexão sobre esse tema, bastante atual.

DESENVOLVIMENTO

O tempo de pandemia pelo Coronavírus (COVID-19) trouxe uma ressignificação para a educação, nunca antes imaginada. A dor causada pela perda de pessoas, o afastamento, ou isolamento social, causaram uma desestruturação no sistema regular e presencial de ensino.

A crise sanitária está trazendo uma revolução pedagógica para o ensino presencial, a mais forte desde o surgimento da tecnologia contemporânea de informação e de comunicação. As conversações a distância se intensificaram com o advento da internet e, no Brasil, a comunicação digital ganhou força após a metade da década de 1990, com o aparecimento dos canais de pesquisa e de conversação, especialmente das redes sociais.

De acordo com a Associação Brasileira de Ensino a Distância (ABED), a história da educação a distância no Brasil começou em 1904, com uma matéria publicada no Jornal do Brasil, onde foi encontrado um anúncio nos classificados

oferecendo curso de datilografia por correspondência (ABED, 2011). De lá para cá, muito se evoluiu no EAD. Entretanto, oficialmente, a educação a distância surgiu pelo Decreto nº 5.622 de 19 de dezembro de 2005, que posteriormente foi revogado. A sua atualização ocorreu pelo Decreto nº 9.057, de 25 de maio de 2017, vigente até a atualidade, que define, no seu primeiro artigo:

Art. 1º Para os fins deste Decreto, considera-se educação a distância a modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorra com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com pessoal qualificado, com políticas de acesso, com acompanhamento e avaliação compatíveis, entre outros, e desenvolva atividades educativas por estudantes e profissionais da educação que estejam em lugares e tempos diversos. (BRASIL, 2017)

A educação a distância (EAD) está oficializada e empregada desde 2005 e, mesmo antes, no Brasil. Como afirma a supracitada lei, essa modalidade educacional ocorre quando a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem se faz com a utilização de meios tecnológicos e de comunicação, com pessoal qualificado, também com acompanhamento e avaliações compatíveis e que contribuam para alunos que estejam em lugares distintos e tempos diversos.

Apesar do EAD já ser uma realidade na educação brasileira, ele estava direcionado quase que na sua totalidade para o Ensino Superior, sendo outra parte para os cursos técnicos profissionalizantes.

Na Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio), a regra geral das escolas, quando utilizadas, tendia para o EAD apenas como forma de educação complementar, sendo autorizado o EAD para casos específicos do Ensino Médio, especialmente para cursos profissionalizantes.

Além disso, o parágrafo 4º do art. 32 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB - define que “O ensino fundamental será presencial, sendo o ensino a distância utilizado como complementação da aprendizagem ou em situações emergenciais”.

A COVID-19 nos levou a uma dessas situações emergenciais. A pandemia afastou os alunos presenciais, da educação básica e do ensino superior, das salas de aula. Os gestores educacionais ficaram naturalmente atônitos e a reação demorou um pouco a ocorrer. Surgiram, então, as necessidades de adaptação e de superação, tanto por parte da gestão, dos docentes quanto pelos discentes, incluindo toda a sociedade. Em momentos como o atual, torna-se necessário repensarmos a educação e todos os seus processos. Paulo Freire escreveu que “O homem está no mundo e com o mundo” (1983, p. 30).

Se o homem estivesse apenas no mundo, não haveria transcendência e não interferiria na história desse mundo. Não poderia objetificar-se e, por consequência, não conseguiria distinguir entre um e o outro. Agora as pessoas estão no mundo e com o mundo. A educação está sendo modificada pela adaptação docente e discente, acerca de diversos programas, aplicativos, ferramentas que passaram a ser utilizadas na educação.

A seguir, no Quadro 1, apresentamos alguns desses instrumentos para a educação emergencial presencial. Existem muitos outros, mas todos os apresentados no artigo foram testados pelos autores, que tiveram a oportunidade de utilizá-los nas suas atividades docentes. Esses programas e aplicativos que contribuem para a tecnologia usual (computador, slides, projetor) são apenas exemplos e possuem excelentes benefícios, dado que para a maior parte de suas aplicações possuem a gratuidade:

Quadro 1: relação de programas e aplicativos utilizados para as aulas em tempo de pandemia

Nome	Principal Utilização	Algumas Funcionalidades
Sistema Moodle	Organização da disciplina e de Cursos e aulas On-Line	O programa permite a criação de cursos "on-line", páginas de disciplinas, grupos de trabalho e comunidades de aprendizagem, estando disponível em 75 línguas diferentes. A plataforma é gratuita e riquíssima, aceitando vídeos, arquivos diversos. Já está sendo amplamente utilizada na UFSM.
Google Classroom	Organização da disciplina e de Cursos e aula	O Google Sala de aula (Google Classroom) é um serviço grátis para professores e alunos. A turma, depois de conectada, passa a organizar as tarefas online. O programa permite a criação de cursos "on-line", páginas de disciplinas, grupos de trabalho e comunidades de aprendizagem.
Youtube	Transmissão de aulas e repositório de vídeos	Plataforma de compartilhamento de vídeos e de transmissão de conteúdo (ao vivo – "Lives" ou gravados). O docente pode criar o "seu canal" e ser acompanhado pelos discentes, já acostumados com a plataforma
		Mais destinado ao Ensino Médio e à Educação Superior, o docente pode criar um "Grupo Fechado", onde ele realiza perguntas iniciais de identificação dos usuários.

Facebook	Transmissão de aulas e informações em grupos fechados	Nessa plataforma, o docente pode incluir conteúdos e realizar "lives" (aulas on-line), que já ficam automaticamente gravadas
StreamYard	Transmissão on-line e videoconferência	Estúdio on-line gratuito para lives com um ou mais profissionais. Ele pode ser relacionado ao YouTube ou ao Facebook. Possui uma versão paga, com maiores aplicações, mas a gratuita auxilia nas atividades docentes
OBS Stúdio	Transmissão on-line e videoconferência	O Open Broadcaster Software, que pode ser traduzido como Software de Transmissão Aberta realiza a mesma atividade que o Stream Yard, mas pode realizar gravação ou transmissão on-line. Ou seja, diferentemente do StreamYard, o docente baixará um aplicativo no seu computador, onde poderá realizar as atividades de transmissão ou gravação.
Google Drive	Armazenamento de arquivos nas nuvens	Além de economizar o espaço do equipamento tecnológico, o Google Drive permite o compartilhamento de arquivos pela internet para os alunos. Por exemplo, após carregar o arquivo para a "nuvem" da internet, o docente pode criar um link compartilhável. Até 15 Gb de memória o Google Drive é gratuito. Excelente ferramenta de criação de arquivos de recuperação.
Google Meet	... Videoconferências	Aplicativo para fazer videoconferências on-line, com diversos participantes, até 100 na versão gratuita, tendo o tempo máximo de 60 minutos por reunião, nessa versão. Existe uma versão paga, quando o tempo é livre e a quantidade de participantes aumenta para 250.
Jitsi Meet	Videoconferências	Aplicativo para fazer videoconferências on-line, gratuito, que funciona dentro do Moodle. Possui as mesmas funcionalidades do Google Meet.

Fonte: confecção dos autores, 2023

Antes da pandemia, a contemporaneidade trouxe, para a humanidade, o afastamento das rígidas singularidades de “classe” ou “gênero” como categorias conceituais e organizacionais básicas (BHABHA, 2010).

As antigas posições de referência do sujeito – etnia, gênero, geração, profissão, localidade geopolítica, entre outros – tiveram uma inovação estrutural num espaço temporal de poucas décadas, em virtude dos grandes avanços científicos, sociais e tecnológicos do final do século XX (fin de siècle) e início do XXI (HALL, 2006).

A diversidade humana, no século XXI, colocou-nos num momento de trânsito, onde surgiram complexas diferenças culturais, que favoreceram a solidificação do conceito de “entrelugares” (BHABHA, 2010). O humano, além dos limites e fronteiras, formou-se um sujeito no “entrelugar” do tempo e do espaço. As velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processo centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (HALL, 2006, pp. 7)

Agora, as velhas identidades passarão a ser ainda mais velhas, distantes da realidade de 2020, que era totalmente impensada, mesmo na educação empregada no ano passado. A nossa percepção de mundo está totalmente desnordeada. Mas não podemos esquecer que a nossa leitura do mundo precede a leitura da palavra (FREIRE, 2005).

Antes mesmo de analisarmos qualquer letra, realizamos a compreensão e leitura do mundo. O homem se comunica desde os remotos desenhos realizados no interior das cavernas à moderna conversação via era da internet, especialmente potencializada na pandemia. Um fato, portanto, é comprovado pela própria inteligência humana: a comunicação é inerente ao instinto do homo sapiens e não existe sociedade organizada no mundo que não utilize os códigos da fala e da linguagem.

O isolamento social causado pela COVID-19 levou bilhões de humanos à condição de reflexão e ao pensamento da necessidade mais efetiva de se considerar um ser social e histórico, pensante e capaz de encontrar uma saída para a educação da pandemia. Paulo Freire(2001) já idealizava sobre isso:

(...) Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque é capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque é capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. (FREIRE, 2001, p.46)

O contato com as novas tecnologias – para a Educação Básica presencial emergencial – causou um lugar de entrecruzamento, de intersecção, denominado por Bhabha (2010) como o “lugar fronteiro”.

A fronteira é composta de valores e costumes de um lugar como os do outro, ou seja, é no lugar fronteiro que ocorrem os encontros com o estranho, o desconhecido, proporcionando a experiência do “além-limite”. Tudo o que é novo

causa um sentimento de “estranho”. Assustar-se com o “nunca visto” reside no fato de que a maioria dos conhecimentos está fora da gente. Por mais estudioso que um humano seja, por mais que se esforce em aprender, ele sempre será surpreendido pelo desconhecido: nesse momento, a sensação que sentimos, nos conceitos da educação intercultural, é denominada como “estranhamento” (BHABHA, 2010).

Neste sentido, Nestor Garcia Canclini (2003) disserta sobre a hibridação “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (CANCLINI, 2003, pp. XIX), ou seja, a troca entre as diferentes culturas, que se torna cada vez mais intensa, na atualidade, em virtude do mundo globalizado em que vivemos e do isolamento social, onde se predispõe uma maior utilização da internet.

Canclini (2003), além de debater o conceito de hibridação, nos leva a refletir sobre o direito que as culturas possuem de hibridar-se ou não. Portanto, sua discussão extrapola o entendimento conceitual, abrangendo os “processos de hibridação”, como vemos:

Considero atraente tratar a hibridação como um termo de tradução entre mestiçagem, sincretismo, fusão e outros vocábulos empregados para designar misturas particulares. Talvez a questão decisiva não seja estabelecer qual desses conceitos abrange mais e é mais fecundo, mas, sim, como continuar a construir os princípios teóricos e procedimentos metodológicos que nos ajudem a tornar este mundo mais traduzível, ou seja, convivível em meios a suas diferenças, e a aceitar o que cada um ganha ou está perdendo ao hibridar se. (CANCLINI, 2003, pp. XXXIX)

A hibridação ocorrida nas relações entre culturas diferentes, ou mesmo as diferenças dentro da mesma cultura, corroboram para a visualização da hibridação da educação. A educação pós- pandemia irá passar pelo “estranhamento” entre o presencial e o EAD. Há de se considerar que a volta será gradual, com o retorno gradativo dos alunos para a sala de aula, havendo a necessidade da continuação do emprego de tecnologias.

Segundo a professora Nelly Aleotti Maia (1996) “Toda a educação é aprendizagem, mas nem toda a aprendizagem é educação”. A assertiva declara que existem muitas coisas que são aprendidas, as quais podem levar à falta de educação: o ladrão rouba e o vigarista engana; exemplos de comportamentos aprendidos, mas que ao invés de integrar, marginalizam as pessoas. Ao contrário, também existem ensinamentos que contribuem para a interação social, o que se pode afirmar que é educação, pois favorecem o processo de aperfeiçoamento do homem, para ele possuir atitudes aceitas pelo grupo e adquirir conhecimentos para agir em benefício dessa sociedade. Agora, nesta crise sanitária, estamos modificando os conceitos – ou pelo menos as sensações – do que é a educação: aprendizagens novas, para tempos inesperados. Um grande desafio será colocarmos a educação em contato com a cultura local e global privilegiando o saber “local” (BARCELOS, 2013), mas a partir do qual se torne intrínseca a valorização das relações e interações no estudo das culturas – a interculturalidade – sempre focada na diversidade e no respeito ao outro, mas

cada vez mais pelo viés da inclusão digital e a possibilidade de mesclar o presencial e o ensino a distância.

A interculturalidade estará cada vez mais presente na educação, especialmente pelo novo contexto criado pelo COVID-19, onde teremos que contar com a possibilidade do afastamento parcial ou total das pessoas. Os diálogos educativos nas escolas, a educação durante a pandemia – e no após – estão e estarão circundados de questões culturais e de saúde que possivelmente ficarão presentes no cotidiano do ambiente escolar. Esses diálogos permanecerão impregnados pelo espírito dessa época de tormento, com as mais variadas e novas relações criadas e estabelecidas pela COVID-19, das quais podemos citar: maior higienização, distanciamento entre alunos, diminuição do toque, cumprimento somente verbal, uso de proteção facial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crise sanitária causada pelo COVID-19 modificou todas as relações de afetividade e de comunicação. Muitas são as formas de contaminação pelo vírus, em virtude da alta taxa de transmissão e da letalidade, especialmente em idosos.

Entre as medidas principais para se evitar a disseminação do vírus estão o distanciamento social e a quarentena que tiveram impactado diretamente na educação, causando o afastamento presencial de docentes e discentes. A educação do novo milênio, após a pandemia, deverá estar permeada por estudos que envolveram a cultura, a partir de intersecções, numa perspectiva que adote o entrelaçamento cultural, onde a própria cultura será vista como entrelugar.

Cabe ressaltar que após a pandemia possivelmente haverá um maior hibridismo da educação presencial com o EAD, pois cada vez mais os professores estarão preparados para o distanciamento, tendo a possibilidade factível de novas doenças coletivas futuras. Essa probabilidade nunca mais será descartada. Atualmente, a rede de educação está com suas atividades escolares presenciais suspensas, atingindo milhões de estudantes em todo o país.

Contudo, a educação não deve parar, daí a necessidade da adaptação e da superação por parte de professores e de alunos como vimos em algumas considerações apresentadas neste artigo. Em meio a um turbilhão de problemas, a educação deverá ser uma potencializadora da esperança humana, capaz de continuar auxiliando para a modificação de condutas, sempre para o bem da sociedade, em busca de nos fazermos sujeitos melhores.

Uma crise sanitária é superada, também, por uma maior educação. Os instrumentos tecnológicos estão aí para nos auxiliar e diminuir as distâncias.

REFERÊNCIAS

- ABED. Associação Brasileira de Educação a Distância: conceitos e história no Brasil e no mundo. Associação Brasileira de Educação a Distância. 2011. Disponível em: <http://www.abed.org.br/revistacientifica/revista_pdf_doc/2011/artigo_07.pdf> Acesso em: 15 jan. 2021.
- BARCELOS, Valdo. Uma Educação nos Trópicos: contribuições da Antropofagia Cultural Brasileira. Petrópolis: Vozes, 2013.

- BHABHA, Homi K. O Local da Cultura.5ª reimpressão. Belo Horizonte: Editora da UFMG,2010.
- BRASIL. Presidência da República. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei das Diretrizes e Bases da Educação. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.
- _____. Decreto nº 5.622 de 19 de dezembro de 2005. (Revogado). Regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 , que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.
- _____. Decreto nº 9.057, de 25 de maio de 2017. Regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 , que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.
- CANCLINI, N. G. Culturas Híbridas. São Paulo: EDUSP, 2003.
- FREIRE, Paulo. Educação e Mudança.6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1983. p.27 41.
- _____. Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa.São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- _____. Pedagogia do Oprimido.40.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade.11.ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.MAIA, Nelly Aleotti. Introdução à educação moderna. Rio de Janeiro: CEP, 1996.

A EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA E SUA RELEVÂNCIA PARA O BRASIL
DISTANCE EDUCATION AND ITS RELEVANCE FOR BRAZIL
LA EDUCACIÓN A DISTANCIA Y SU RELEVANCIA PARA BRASIL

Marta Regina Claudino da Silva

DA SILVA, Marta Regina Claudino. **A Educação à Distância e sua relevância para o Brasil.** Revista Internacional Integralize Scientific, Ed. n.21, p. 42 – 52, março/2023. ISSN/2675 – 5203.

RESUMO

O papel da educação consistia em formar um novo tipo de trabalhador, adequado às novas exigências de qualificação para o desempenho de tarefas profissionais. Com isso, permitindo que esses alunos tivessem atitudes e comportamentos exigidos pelo processo de industrialização, modernização e organizacional que surgiam, não se preocupando em fazer o homem pensar, refletir, muito menos transformar a sua realidade. Este trabalho visa apresentar os desafios e oportunidades que o ensino à distância pode trazer aos estudantes e à própria escola.

Palavras-chave: Educação. Ensino Remoto. Estudantes. Professores.

SUMMARY

The role of education consisted of training a new type of worker, suited to the new qualification requirements for carrying out professional tasks. With this, allowing these students to have attitudes and behaviors required by the industrialization, modernization and organizational process that emerged, without worrying about making men think, reflect, much less transform their reality. This work aims to present the challenges and opportunities that distance learning can bring to students and the school itself.

Keywords: Education. Remote Teaching. Students. Teachers.

RESUMEN

El papel de la educación consistía en formar un nuevo tipo de trabajador, adecuado a las nuevas exigencias de cualificación para el desempeño de tareas profesionales. Con esto, permitir que estos estudiantes tengan actitudes y comportamientos requeridos por el proceso de industrialización, modernización y organización emergente, sin preocuparse por hacer que los hombres piensen, reflexionen y mucho menos transformen su realidad. Este trabajo tiene como objetivo presentar los desafíos y oportunidades que la educación a distancia puede traer a los estudiantes y a la propia escuela.

Palabras clave: Educación. Enseñanza remota. Estudiantes. Maestros.

INTRODUÇÃO

Quando a educação longe do espaço físico desembarcou no Brasil, foi recebida com muita desconfiança e descrédito. O desconhecido chega sempre envolto de muitos desafios. No primeiro momento, quando as pessoas ouviram falar em estudar por correspondências, há algumas décadas, não deram muita atenção. Isso porque se transmitia uma ideia de comodismo, como aprender por conta própria, contando apenas com uma orientação distante. Era algo de difícil compreensão, pois as pessoas estavam acostumadas a uma educação tradicional, mais formal, como o processo de educação do trabalhador realizado nas empresas, conhecido como sistema fabril. Este objetivava a assimilação de conteúdos direcionados à produção de bens que pudessem atender a demanda dos mercados mundiais, ou seja, preparava trabalhadores capazes de operacionalizar métodos de produção mais

eficazes que implicassem melhores resultados, sem nenhuma preocupação com a formação humana e social.

O papel da educação consistia em formar um novo tipo de trabalhador, adequado às novas exigências de qualificação para o desempenho de tarefas profissionais. Com isso, permitindo que esses alunos tivessem atitudes e comportamentos exigidos pelo processo de industrialização, modernização e organizacional que surgiam, não se preocupando em fazer o homem pensar, refletir, muito menos transformar a sua realidade. Pois, a intensa da educação era produzir bons funcionários para as indústrias.

Notadamente, o ensino tradicional era defendido como bom, proveitoso, quase infalível, com seus personagens num cenário conhecido, interagindo o tempo todo. Quando as tecnologias foram introduzidas na educação, alguns sentiram que havia uma ameaça à educação, isso levou a muitos questionamentos. Assim, este trabalho tem como objetivo refletir sobre a importância da educação à distância para o Brasil, bem como procura entender como se dá o diálogo entre as suas vantagens e desvantagens, dificuldades e avanços, adentrando outros fatores relevantes para a implementação e ampliação da educação à distância em território nacional, ancorando-se em autores que tratam do tema.

EAD: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Como pode alguém apenas ouvindo o rádio aprender? Esse estudante não terá preparo suficiente para competir com aquele oriundo de aulas presenciais. Com o passar do tempo, verificou-se que é possível aprender quando o professor está distante também. Contudo, logo despertou os interesses das comunidades, estabeleceu-se como uma possibilidade de levar alguma oportunidade às pessoas. Outrossim, alguns projetos de ampliação desse ensino foram gerando resultados satisfatórios, alguns visualizaram uma possibilidade de negócio, permitindo seu crescimento.

Porém, com a popularização da televisão, ficou mais fácil a divulgação desse tipo de estudo. Passou-se a exibir aulas televisivas que prendiam mais o educando, que agora ficava frente a frente com o educador, embora ainda não fosse possível interagir com ele. O material disponibilizado também foi melhorando. Cresceu rapidamente a procura por cursos, mesmo ainda sendo vista como educação de pouca qualidade que serviria apenas para quem faltava a chance de comparecer numa escola convencional, ou seja, direcionada a trabalhadores que não tiveram condições de comparecer à escola na idade certa.

Por conseguinte, a educação brasileira, carrega em seu bojo, o objetivo explícito de preparar pessoas para o trabalho, tanto assim que em seus primeiros momentos não era permitido às mulheres frequentar a escola, em razão de sua condição predominante de dona de casa, como surgiu num contexto de predominância do trabalho braçal, pois até mesmo nas fabricas praticamente todo o trabalho provinha da força humana, sua base não foi edificada na formação de um “ser pensante”, mas capaz, de executar tarefas com habilidades, portanto, havia

pouca preocupação com a qualidade, mas com a urgência de preparar muitos “operários” para a lida. E, ao longo dos anos não se tem conseguido romper com as mordaças desse pensamento, bem como, para não ser vantajoso para uma nação em desenvolvimento roçar a mão de obra-de-obra especializada pelo elemento pensante, e, nessa ciranda os problemas educacionais vão se agigantando.

Destarte, ser complicado avança no quesito qualidade, quando essa está vinculada a fatores diversos, quanto se fala os índices só pioram. Esse é o pensamento de Falcão e Paranaguá (2009, P.256), quando dizem que”: A qualidade da educação normalmente é vinculada a outros fatores, com a capacidade social e acadêmica dos professores e suas efetivas possibilidades de se aperfeiçoarem, pesquisarem e se atualizarem em relação a avanços da ciência”.

O modelo de ensino disseminado via plataformas tecnológicas vem rompendo paradigmas, abrindo caminho e demonstrando que EaD traz uma possibilidade de ensino-aprendizagem jamais vista em outros tempos. Evidentemente, requer uma maior autodisciplina dos alunos. Em contrapartida, têm horários flexíveis, cabendo a eles escolher o que melhor atende às suas condições.

Não há dúvidas quanto à sua importância para a sociedade, considerando que as relações no mundo globalizado derrubaram todas as barreiras da distância. Os recursos tecnológicos são uma descoberta fantástica para a humanidade.

Durante a Mesa Redonda Pesquisa-Ação de 2006, foram apresentados os desafios e obstáculos para implementação da educação a distância (EAD), que precisam ser compreendidos como estímulo à descoberta de novos caminhos. Superou-se os modelos e as rotinas já consolidadas no ambiente físico, exigindo-se criatividade; maturidade na condução política; seriedade; paciência; persistência. Além disso, habilidade para trabalhar em equipe interdisciplinar. Conquistar esses desafios significa trabalhar a dimensão de um todo, o que é um sistema complexo, composto por um feixe de peças interconectadas entre si.

A IMPORTÂNCIA DA EAD PARA O BRASIL

Convencido da importância da educação por meio virtual e da extraordinária oportunidade de melhorar os índices de inclusão, o governo direciona seu olhar para ela. Os legisladores resolvem, finalmente, traçar diretrizes para disseminá-la. Certamente, não serão leis que irão mudar a educação do Brasil, mas as práticas levam à qualificação e à valorização dos envolvidos na educação, bem como ao investimento em projetos destinados a expandir boas práticas em educação.

A Constituição Federal de 1988, no seu artigo 6º, assegura que todos têm direito à educação. Mas como garantir de fato educação a todos, quando o Brasil ainda não consegue garantir direitos indispensáveis para a vida de seu povo, como saúde, alimentação e moradia. É incontestável como as mudanças significativas de uma nação passam pela educação de seus nacionais. Assim, a nova forma de estudar passou a ser analisada pelo próprio governo como uma possibilidade para avançar nessa área. Contudo, não se tem visualizado muitos projetos e investimentos da parte

do governo em projetos do tipo. Espera-se ainda o momento dos governantes se preocuparem de verdade com suas crianças, jovens e adultos.

Contudo, a aprovação da Lei 9.394/96 (Lei de Diretrizes e Base da Educação) mudou substancialmente o cenário existente. Determinou que ao Poder Público caberia “incentivar o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância, em todos os níveis e modalidades de ensino, e de educação continuada”; fixar regras de funcionamento, devendo ser a educação oferecida de forma “organizada com abertura e regime especiais, por instituições especificamente credenciadas pela União”. Cabe ainda à União “regulamentar os requisitos para a realização de exames e registro de diploma relativos a cursos de educação a distância”. Dessa forma, o Estado passou a dar uma diferenciada atenção às instituições interessadas em ministrar aulas virtuais. Isso favoreceu às concessionárias de canais de comunicação que manifestassem o desejo de trabalhar com educação, além de adotar outras providências.

Finalmente, o poder público percebia as vantagens desse modo de educar, que há mais de trinta anos havia desembarcado aqui. Todavia, não estava às margens do sistema. Naquele momento, estava se definindo os seus objetivos gerais, como oferecer ensino de qualidade a grandes contingentes humanos a um custo menor e em prazo reduzido. Não há exigência de construir grandes edifícios para abrigar laboratórios, pois sua infraestrutura é mais simples, sem a concentração de alunos, servidores e educadores no espaço “escola”. Possibilitando o desenvolvimento rural com a qualificação dos que habitam essa região, favorecendo a permanência das pessoas nas suas regiões. Além disso, reduz o fluxo migratório para os centros urbanos, diminuindo também as complicações sociais que afetam as grandes cidades. Ainda, assegura educação de alto nível onde não há instituições para oferecê-lo pela inviabilidade econômica.

Por tudo isso, Hack (2009) não concebe uma distância de fato nesse percurso até o aprendizado, para o qual “se manterá a interatividade constante com os colegas, tutores e professores, em um processo de comunicação dialógica”. Assim, evidencia-se uma reciprocidade na organização e desenvolvimento do conhecimento, o qual é capaz de amplificar os canais de comunicação participantes.

Por isso, no dia 29 de abril de 2004, a Folha de São Paulo, com base em informações levantadas junto ao SENAC, MEC e do Livro EaD.br-Experiências inovadoras em educação a distância, publicado pela editora Anhembi Morumbi, naquele ano, publicou uma matéria importante sobre educação não presencial. Inclusive, cita como foi introduzida em solo brasileiro e os projetos pioneiros na área, com destaque para o suporte televisivo que trouxe o Projeto SACI- Sistema Avançado de Comunicações Interdisciplinares.

Conseqüentemente, para auxiliar no aprendizado, o governo, por meio do MEC, encomendou a elaboração de cartilhas para o ouvinte poder seguir a aula de rádio. Os materiais eram produzidos por profissionais especializados e de alto gabarito e distribuídos gratuitamente. Havia um cuidado especial com a produção didática, que era cuidadosamente produzida, trazendo explicações e atividades para serem desenvolvidas no Rádio pela atuação do Monitor. Outrossim, a mesma publicação

cita a relevância do Centro Nacional de Educação a Distância, destinado a cuidar exclusivamente do novo estilo e forma como se deu a sua evolução. Fez-se menção ao número de matriculados que, no período de doze anos, alcançou a marca de 1.403.103.

Alguns cursos não possuem permissão, pois continuam sem liberação para serem ministrados a distância devido à necessidade de laboratórios e ambientes de práticas com maior acompanhamento. Todavia, não significa dizer que no futuro não venham a integrar a referida modalidade.

EAD E GLOBALIZAÇÃO

A interiorização da internet e a globalização transformaram o novo paradigma educacional em instrumentos de ensino valioso para a população, fazendo ganhar espaço, importância e destaque. Rapidamente, surgiram muitos cursos técnicos. Algumas universidades passaram a ofertar cursos superiores e pós-graduação, apoiados pelo governo, que foi levado a elaborar algumas normas e procedimentos que regulamentam o funcionamento das instituições interessadas em ministrar os cursos pelo novo sistema.

No entanto, muitas iniciativas foram surgindo, colaborando para eliminar o estigma negativo que rondava no início. As instituições passaram a investir mais em pessoal e tecnologia para qualificar melhor seus alunos. Verificou-se uma melhoria no conceito de ensinar, a internet possibilitou a interação entre o professor e aluno, até mesmo sem espaço temporal. Paulo Freire (1980) entendia que, embora estudantes e educadores estejam em ambientes diferentes, a interação não está ausente, eles exercitam a interação sim. A educação em ambiente virtual continua compreendendo o processo ensino e aprendizagem, contendo os mesmos elementos transformadores da sociedade. O que importa de verdade é que o conhecimento alcance todos os lugares e a todos.

Dessa maneira, a visão de Mattar (2009) é no sentido de que a interação e a interatividade serão elementos presentes na atividade educacional a distância, que enriquecem a aplicação da metodologia educacional. As pessoas não vão deixar de interagir, pelo contrário, ampliam as relações. Entretanto, é verdade que atualmente as comunicações ocorrem via aparelhos eletrônicos, nem por isso deixam de interagir, nem servirá de obstáculo para desencorajar as pessoas a fazer opção pela modalidade EaD. A interação estaria associada às pessoas, enquanto a interatividade à tecnologia e aos canais.

Com as videoconferências e muitos outros procedimentos, diminuíram consideravelmente os problemas de interação, além de representar perspectiva de estudo EaD. Anteriormente, era bastante criticada e, por vezes, desprezada. Ocupa um lugar de destaque e uma posição relevante no seio educacional brasileiro, destacando-se principalmente na graduação, cursos de qualificação profissionalizantes e pós-graduação.

Os conteúdos encontram-se mais adaptados. Muitos educadores se qualificaram para trabalhar diante das câmeras, lançaram-se no desafio de trabalhar

com centenas de alunos simultaneamente, cumprindo honrosamente seu papel de transformar pessoas, mostrar que educar é levar o indivíduo a pensar, interagir, modificar a sociedade para melhor.

Logo, não é possível ignorar o significado desse modelo, especialmente para formação profissional. Representa um novo paradigma para o ensino regular, concretizando-se como uma realidade que tem contemplado mais pessoas nos mais longínquos recantos do Brasil. .

Há uma grande tendência de crescimento para os próximos anos. Empreendedores e dirigentes de estabelecimentos educacionais buscaram se estruturar e planejar seus cursos online visando ampliar a oferta de cursos e plataformas que melhor atendam às exigências dos candidatos. Além disso, existem segmentos da educação a serem explorados gerando ótimas oportunidades, tanto para os interessados por um dos cursos em alta, como para os investidores.

Para Vygotsky (1988.), é essencial que o homem esteja inserido em ambientes ricos em práticas que favoreçam a aprendizagem, ou seja, direcionados para tal. Defendia a teoria baseada na capacidade do indivíduo em aprender com as experiências dos seus mestres e as relações compartilhadas com seus pares. Isso corrobora com a ideia defendida por muitos, de que a diferença não está somente no espaço-tempo empregado nas duas modalidades, mas na metodologia, na qualificação dos educadores, bem como na capacidade do aluno de construir conhecimentos.

Paulo Freire compreende os estudos como algo essencial na vida humana e que ela não existe se não estiver sustentada numa base adequada. Também reconhece a relevância das tecnologias e seu enorme potencial de estímulos e desafios à curiosidade, que foram postos a serviço das classes populares..

Contudo, a autonomia proposta por Paulo Freire pressupõe que o respeito ao saber do educando, às suas experiências, a sua história, cultura, valores, é uma educação autêntica, pois ensinar é permitir apropriar-se dos saberes em ambientes virtuais que facilitem esta abordagem. A ideia central do ensino a distância pode ser resumida em uma frase: não é o professor quem ensina, é o aluno quem aprende. Para o aluno aprender, principalmente os conteúdos, as técnicas e metodologias, deve levar em consideração a realidade dele. Segundo Hack (2009, p 15), “EaD será entendida, portanto, como uma modalidade de realizar o processo de construção do conhecimento de forma crítica, criativa e contextualizada[...]”.

Na opinião de Niskier (1993) para atender às exigências da EaD, são necessárias mudanças na preparação dos docentes. A formação de educadores, seja ou não tecnólogos, perpassa hoje a dimensão técnica, a dimensão humana, o contexto político-econômico e a parte de conhecimentos a serem transmitidos.

Assim, o educador terá que adquirir novas competências como: “o saber e o fazer”, “a teoria e a prática”, “os princípios e processos da tecnologia educacional”. Para isso, o referido autor analisa que a função do tecnólogo educacional será alinhada ao novo paradigma educacional. Afirma que esse profissional será imbuído de conhecimentos sobre técnicas de comunicação virtual e uso dos instrumentos

disponíveis para dominar os mais variados “aspectos técnico-pedagógicos dos currículos e da metodologia”.

Não são poucos aqueles que enxergam a tecnologia como um valioso instrumento na construção da aprendizagem, uma oportunidade de negócios e um gerador de empregos. São os técnicos, tutores (professores) por trás, os investimentos e aqueles que mantêm o funcionamento de uma grande estrutura tecnológica responsáveis por parecer ser um negócio promissor. Considera-se que é muito reduzida a quantidade de instituições que ofertam esses serviços e podem estar certos de que irão se expandir muito em breve.

Partindo da premissa de que as pesquisas na área das inovações acontecem muito rápido, muitas modificações ocorrerão, exigindo expandido consideravelmente o número de universidades, cursos e profissionais envolvidos nesse universo, o que vem corroborar as colocações de ALVES(2009, 13), ao afirmar que: “O mercado é extremamente amplo e promissor para os que atuarem com qualidade e competência e, além disso, devemos lembrar que sempre existem melhorias dos sistemas de comunicação, e isso favorece a expansão.”

Dessa forma, espera-se que investidores direcionam mais recursos para o ensino para aumentar a quantidade de cursos ofertados; disponibilizem mais polos para favorecer a inclusão e diminuir o valor das mensalidades, que ainda é elevado para muitas pessoas. Criando-se mais polos pelo país fora, diminuirão os custos, uma vez que serão mais alunos para pagar os custos.

Por conseguinte, para se adentrar aos princípios que norteiam e que, sobretudo, servem de base para as trocas de ideias em EaD, é basilar fazer alusão às tecnologias digitais de informação que são os seus alicerces, a INTERNET constitui um marco nas diversas áreas do desenvolvimento, assim como para a educação, tudo que se faziam antes parece lançado nas profundezas dos primeiros séculos, ainda que tenha ocorrido há poucas décadas, como falar para um adolescente de hoje que se vivia sem ela, certamente vai pensar que estávamos na idade da pedra, serão incapazes de se imaginar vivendo sem Whatsapp, e outras formas de comunicação inerentes à era digital.

Dessa forma, a própria forma de promover o ensino-aprendizagem a distância vai evoluindo para formas mais modernas e menos onerosas. Já estão sendo disponibilizados cursos por meios das Áreas Virtuais de Aprendizagens numa forma mais autônoma de educação, "(...) numa perspectiva de educação sem distância, alterando, assim, a definição conhecida de EaD. Esse modelo vem ganhando dimensão, tornando-se uma realidade cada vez mais presente e reconhecida no país”.

Um aspecto interessante que derruba as críticas denomina-se EaD de porvindoura, ou seja, possui característica de isolar o discente dentro da própria engrenagem de comunicação dialógica. Isso é a certeza de que colegas, professores, tutores, mantêm interatividade constante. Não há lógica em se tratar de isolamento quando os canais virtuais conectam os indivíduos a qualquer hora e lugar, com ausência de lapso temporal, surgindo a necessidade da comunicação. Portanto, “no processo educativo escolar, professores e alunos são agentes e resultados de suas trajetórias como pessoas comunicadoras na sociedade, bem como na escola, e

relacionam-se com os meios de comunicação em diversos graus de domínio e de saberes sobre eles. (FAZENDA, 2001, p. 107)

Logo, evidencia-se aqui o destaque que tem o diálogo entre os envolvidos na aprendizagem, independentemente de como é processado, em meio físico ou virtual. Portanto, não dá para ignorar os esforços no sentido de melhorar a comunicação, não permitindo que o discente portador de limitações fique de fora do processo educacional. A Fazenda (2001) afirma que o educador deve exercer suas funções como comunicador, precisa dispor de condições para “estudar, pesquisar, entender essa problemática, melhorar seus conhecimentos educacionais, incluindo as diversas e novas tecnologias da comunicação e seus entrelaçamentos com as mais tradicionais”.

Mattar (2009) e Freire (1982) chamam atenção para a importância da interação entre aqueles que convivem no espaço educacional. Enquanto rejeita e repele, a educação, eminentemente depositária ou bancária, é caracterizada pelo mero acúmulo de conteúdo. Nesse sentido, os estudantes servem apenas para receber e guardar os mesmos, não lhes sendo permitido participarem da construção do processo de ensino e aprendizagem, de forma mais humanizada e edificada no diálogo.

Porém, alguns projetos de EAD foram vistos como concebidos exclusivamente para transmitir conteúdos, não permitindo que o estudante participasse ativamente dos procedimentos geradores de conhecimento, mas o melhoramento e surgimento de plataformas, vem modificando a forma de atuação dos discentes, permitindo-lhes compartilhar de vários eventos, através dos ambientes virtuais de ensino e aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação no Brasil é um grande problema para o estado, há um grande déficit na educação brasileira. O governo não possui condições de fornecer educação para todos, não consegue construir escolas suficientes, qualificar e pagar dignamente os professores. Muitas crianças ainda se encontram fora da escola, pelos mais diversos motivos. A evasão escolar ainda é grande, muitos jovens precisam trabalhar para complementar a renda familiar. Com isso, a realidade social interfere diretamente no processo educativo da população.

Para suprir o déficit de vagas nas escolas, surgiu o processo de ensino-aprendizagem por meios virtuais, que vem ocupando os espaços que a educação presencial deixou. Embora sofra resistência, tem avançado consideravelmente, levando a mudar a realidade de muitas pessoas. Paulo Freire acreditava que a realidade social somente mudaria pela ação do homem, cuja força transformadora se concentra na educação, pois “abre a mente, leva a pensar e agir sabiamente”.

Os meios de comunicação são poderosos veículos que poderão ser utilizados para melhorar a qualidade do ensino e aproximar o educando do conhecimento, principalmente no ensino superior. Para o poder público, é interessante a desoneração

dos cofres públicos, tendo em vista o grande número de instituições interessadas em prestar o serviço educacional usando plataformas digitais.

É no setor privado que estão inseridas a maioria das instituições de ensino, esses organismos, podem investir na qualificação de educadores e demais profissionais envolvidos no processo ensino-aprendizagem, para entregar uma educação inclusiva e pautada na preparação de indivíduos aptos para desempenhar suas funções com o objetivo de construir uma sociedade mais equilibrada.

Segundo Vygotsky (1988), a aprendizagem é construída na convivência social. Isso significa que é interagindo com o outro e com o meio a sua volta que se dá a aprendizagem. Ele falava da aprendizagem em seu primeiro estágio, ou seja, na infância, mas, como a aprendizagem é um processo contínuo, fica evidente que, quando duas pessoas trocam ideias e experiências, estão construindo conhecimento. O mesmo autor afirmava que a aprendizagem requer condições favoráveis, constrói-se no meio cultural e não biológico, levando-se em consideração o que o educando já sabe e aquilo que está predisposto a aprender. Nesse sentido: Segundo Maia, 2009, p. 204, quando se exige do aluno uma postura proativa na aprendizagem, é preciso orientá-lo e ambientá-lo nesse novo cenário, no qual lhe será exigido questionar, discutir, refletir e alimentar a aprendizagem para receber o feedback que complementam as atividades.

O papel do professor na aprendizagem deve ser de mediador que se apropria de estratégias que favoreçam a independência do aluno e estimular o conhecimento potencial dele. Isso pode ser feito estimulando o trabalho colaborativo e utilizando técnicas motivacionais, os quais facilitarão a aprendizagem e promoverão a inclusão do aluno ao grupo, sendo admissível a exploração de todas as ferramentas capazes de contribuir para o processo.

Logo, o processo de conhecimento se desenvolve melhor quando o professor é um facilitador, criativo e atento para permitir que o aluno construa seu conhecimento, em grupo onde tenha participação ativa. Nesse contexto democrático a todo é concedida a chance de protagonizar sua própria história.

Faz-se necessário traçar um paralelo entre os dois paradigmas de ensino que vão da educação à aprendizagem. No antigo paradigma se tem as seguintes as instalações físicas (prédios escolares), frequência obrigatória, horário rígido, currículo mínimo, disciplinas obrigatórias, pré-requisitos, pedagogia, transmissão de conhecimentos, educação formal, formação com duração prefixada, economia do conhecimento, economia de bens e serviços, professor, avaliação quantitativa e diploma/certificado.

Na opinião de Meister (1999), o novo paradigma se caracteriza seguindo ciberespaço; conveniência de local e hora; aprender a aprender; conteúdos significativos e flexíveis; inter e multi transdisciplinares; andragogia; aprendizagem coletiva; educação não formal; formação ao longo da vida; aprendizagem aberta e flexível; orientador de aprendizagem; avaliação qualitativa; e satisfação de aprender. Ao ressaltar a importância desta modalidade de educação, Demo (1994) faz uma distinção entre os termos Ensino e Educação a Distância: “A educação a distância

será parte natural do futuro da escola e da universidade. “ O que significa reconhecer o poderio que a EaD demonstrará no circuito educacional.

Muitos instrumentos serão incorporados aos ambientes escolares, transformando profundamente o que hoje existe, ocorrendo numa velocidade extraordinária, em face das invenções que integram os complexos digitais.

Por isso que esse autor vislumbra uma grande mudança no modo de ensinar e aprender. Ele destaca que as mudanças perpassam pelos conteúdos, metodologias de ensino e avaliação numa visão bem ampla do que significa o novo paradigma. Fornece-nos a definição do que venha a ser educação a distância, inclusive diferenciando-a de ensino. “Ensino a distância é uma proposta para socializar informação, transmitindo-a de maneira mais hábil possível”. Realmente ensinar é algo superficial, cujo sucesso depende apenas dos os meios empregados e receptividade do emissário, enquanto “Educação a distância”, por sua vez, exige aprender a aprender, elaboração e consequente avaliação. Pode até conferir diploma ou certificado, prevendo momentos presenciais de avaliação. (DEMO, 1994, p. 60). Aqui se vislumbra uma complexidade, há uma exigência maior, superar as dificuldades e construir o conhecimento, tendo a pena a intermediação como suporte.

Entretanto, no Brasil, as últimas duas décadas foram significativas para a educação em geral e para a Educação a Distância (EaD), em particular. Já em 1976, iniciou-se os primeiros cursos que eram processados por correspondências a partir do programa Nacional de Teleducação, que animou os envolvidos a avançar para o rádio e TV, no final da década. Porém, somente entre 1988 e 1991, ocorreu a informatização e a reestruturação do sistema de teleducação, chegando às diretrizes que se conhecem hoje. Na década de 90, como reflexo da nova Constituição Brasileira, no contexto de uma sociedade sob égide da democracia, surgiu de forma legal o ensino superior a distância por meio da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB).A Lei nº 9.394/96 modernizou as diretrizes da educação como um todo. No artigo 80, a LDB atribuiu ao Poder Público o papel de incentivar “[...] o desenvolvimento [...] de programas de ensino a distância, em todos os níveis e modalidades [...], e de educação continuada”.

REFERÊNCIAS

ALVES, Lucinéia. 7 Artigo-Educação à Distância: Conceitos e história na educação profissional, disponível em: www.abed.org.br/revistacientifica/Revista_PDF_Doc/2011/Artigo_07.pdf, acesso em:15/01/2023.

DEMO, P. Pesquisa e construção de conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1994.

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA EM ORGANIZAÇÕES PÚBLICAS. Mesa Redonda Pesquisa-Ação, Brasília: ENAP, 2006.

FAZENDA, I. Nosso Enfoque da Pesquisa Educacional. 4ª Ed, São Paulo Cortez, 2001.

FREIRE, P. Conscientização: teoria e prática da libertação. São Paulo: Moraes, 1980.

HACK, Josias Ricardo, TECNOLOGIAS DA EDUCAÇÃO 1º. Período, Florianópolis, LLV/CCE/UFSC, 2011.

Mattar, J. (2009). Interatividade e aprendizagem. In Litto, F, & Formiga, M. (Orgs.). Educação a distância: o estado da arte (pp. 112-120). São Paulo: Pearson.

MEISTER, J. C. *Educação corporativa: a gestão do capital intelectual através das universidades corporativas*. São Paulo: Makron Books, 1999.

NISKIER, A. Tecnologia educacional: uma visão política. Petrópolis, RJ:Vozes, 1993.

VYGOTSKY, L. S. et al. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. São Paulo: Ícone, 1988.

BRASIL. Decreto nº 2.494, de 10 de fevereiro de 1998. Legislação. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/D2494.pdf>>. Acessado em 02 de janeiro de 2023.

_____. Constituição Federal do Brasil. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCivil_03/Leis/L8666compilado.htm>. Acessado em 1º de dez. de 2022.

_____. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Presidência da República. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br/seed/tvescola/ftp/leis/lein9394.doc>>. Acessado em 25 de janeiro de 2023.

_____. Decreto nº 5.622, de 19 de dezembro de 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5622.htm>. Acessado em 1º de fevereiro de 2023.

_____. Decreto no 2.494, de 10 de fevereiro de 1998. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d2494.htm>. Acessado em 6 de dez. de 2022



Publicação Mensal da INTEGRALIZE

Aceitam-se permutas com outros periódicos.

Para obter exemplares da Revista impressa, entre em contato com a Editora Integralize pelo (48) 99175-3510

INTERNATIONAL INTEGRALIZE SCIENTIFIC

Florianópolis-SC

Rodovia SC 401, Bairro Saco Grande,

CEP 88032-005.

Telefone: (48) 99175-3510

<https://www.integralize.onlin>